



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE JORNALISMO

GISLEI NAYRA SOARES MOURA

RECUPERE O FÔLEGO:  
UMA ANÁLISE DOS LIVROS-REPORTAGEM PRODUZIDOS COMO TRABALHO  
DE CONCLUSÃO DE CURSO DE JORNALISMO DA UFMA – CAMPUS  
IMPERATRIZ

IMPERATRIZ  
2022

GISLEI NAYRA SOARES MOURA

RECUPERE O FÔLEGO:  
UMA ANÁLISE DOS LIVROS-REPORTAGEM PRODUZIDOS COMO TRABALHO  
DE CONCLUSÃO DE CURSO DE JORNALISMO DA UFMA – CAMPUS  
IMPERATRIZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Maranhão como requisito básico para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, pela universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel

IMPERATRIZ  
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Soares Moura, Gislei Nayra.

Recupere o Fôlego : Uma análise dos livros-reportagem produzidos como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo da UFMA - campus Imperatriz / Gislei Nayra Soares Moura. - 2022.

82 f.

Orientador(a): Alexandre Zarate Maciel.

Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022.

1. Humanização. 2. Jornalismo de fôlego. 3. Jornalistas escritores. 4. Livro-reportagem. I. Zarate Maciel, Alexandre. II. Título.

**GISLEI NAYRA SOARES MOURA**

**RECUPERE O FÔLEGO:  
UMA ANÁLISE DOS LIVROS-REPORTAGEM PRODUZIDOS COMO TRABALHO  
DE CONCLUSÃO DE CURSO DE JORNALISMO DA UFMA – CAMPUS  
IMPERATRIZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na  
Universidade Federal do Maranhão como requisito  
básico para a obtenção do grau de bacharel em  
Comunicação Social – Jornalismo, pela universidade  
Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel

Aprovado em: 28/07/2022

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel (Orientador)

---

Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos (Examinador)

---

Prof. Dra. Leila Lima de Sousa (Examinadora)

Imperatriz  
2022



*Para Hugo, meu porto seguro em meio à tempestade.  
Que a Força sempre esteja conosco.*

## AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui, neste exato momento, me faz recordar de perrengues, escolhas, perdas e conquistas que vivenciei. Contudo, não posso afirmar que o mérito é somente meu. Há coisas valiosas demais para serem pagas, portanto, a única forma de retribuir é reconhecer.

Primeiramente, agradeço aquele que me deu a vida, uma verdade e um propósito pelos quais viver. Jesus, obrigada por me permitir servir ao próximo com a minha profissão.

Ao meu esposo, Hugo, por todas as orações, pelos abraços de consolo em silêncio e pela sabedoria milenar compartilhada ao dizer: “Se você não começar, aí mesmo que nunca vai terminar”. Essa viagem intergaláctica só é incrível com você.

À minha mãe, Maria da Paz, e minha irmã, Nayara, por serem as mulheres fortes que me inspiram diariamente e terem abdicado de tantas coisas para que eu pudesse viver tudo isso. Sem o seu apoio, eu não teria aguentado um mês.

Ao meu pai, Ednaldo Moura, por me incentivar desde criança a ler bons livros, por ter comprado meu primeiro exemplar de *O diário de Anne Frank* e assim despertar em mim o amor pela escrita e a sensibilidade para com a dor do outro.

Aos meus irmãos, Dayan e Rafael, por nunca duvidarem da minha capacidade e celebrarem as minhas vitórias como se fossem as suas próprias, amo vocês!

Ao meu orientador, Alexandre Maciel. Professor, o que seria de mim sem os seus áudios enormes e cheios de bom humor no *WhatsApp* logo às seis da manhã? Ser sua aluna abriu os meus olhos para o universo da humanização, seja na profissão ou na vida. Obrigada por acreditar (mesmo com todas as vezes em que desisti rs).

Àqueles com quem fiz amizade no primeiro dia de faculdade, falando mal dos filmes de Percy Jackson na mesa da cantina. João e Yanna, vocês sempre serão minha dupla de três.

À família que me adotou em Imperatriz, nunca esquecerei de todas as lágrimas que vocês se dispuseram a enxugar. Kelly e Walber, continuem acreditando.

Aos meus entrevistados, por compartilharem tanto e deixarem esta pesquisa mais completa. Desejo sucesso sempre!

A todas as pessoas que me acolheram em Imperatriz, vocês sabem quem são e sabem que os amo verdadeiramente.

***“Eu gosto de observar os detalhes que ninguém mais vê.”***

*- O fabuloso destino de Amélie Poulain*

***“Jornalismo de verdade deve defender aqueles que  
não possuem voz, não calá-los ainda mais.”***

*- Anne with na E*

## RESUMO

O livro-reportagem surge do jornalista que deseja produzir um material mais aprofundado, com amplitude de ângulos e fontes. Na graduação, ele é uma alternativa para alunos que desejam colocar em prática todos os conhecimentos de pauta, apuração, entrevista e produção de textos finais adquiridos em sala de aula. O objetivo central do trabalho é compreender e identificar as características presentes em oito livros-reportagem desenvolvidos como Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), por alunos de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. Interessou perceber como ocorrem, nessas obras, os processos de contextualização e aprofundamento jornalísticos, o equilíbrio entre as fontes documentais e os entrevistados, a recuperação de memória individual e a humanização. Para realizar a pesquisa foram utilizadas as metodologias de análise de conteúdo e entrevista em profundidade, com quatro estudantes escritores. Sob essa ótica, os livros-reportagem analisados apresentaram todas as características supracitadas, evidenciando a importância deste tipo de produto como parte do aprendizado e da produção de fôlego no ambiente acadêmico.

Palavras-chave: livro-reportagem; jornalismo de fôlego; humanização, jornalistas escritores.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 LIVRO-REPORTAGEM: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS</b> .....	<b>13</b>
<b>1.1 Estrutura do livro-reportagem</b> .....	<b>18</b>
<b>1.2 Literatura ou jornalismo?</b> .....	<b>23</b>
1.2.1 Apuração Contextualizada .....	24
1.2.2 Recuperação de Memória .....	26
1.2.3 Equilíbrio de Fontes.....	27
1.2.4 Humanização .....	29
<b>2 POR DENTRO DA ANÁLISE: DA METODOLOGIA ÀS CARACTERÍSTICAS DOS LIVROS-REPORTAGEM PRODUZIDOS NA UFMA</b> .....	<b>31</b>
<b>2.1 Livros-reportagem como objetos de análise</b> .....	<b>33</b>
2.1.1 <i>Ondas da Memória: as histórias da primeira rádio de Imperatriz</i> , de Nayane Brito .....	33
2.1.2 <i>Palco Iluminado: histórias do teatro em Imperatriz</i> , de Kalyne Cunha .....	34
2.1.3 <i>A resistência do Império imaginário – História da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (MA)</i> , de Mario Negramaro.....	34
2.1.4 <i>O que é que o Mercadinho tem</i> , de André Wallyson .....	35
2.1.5 <i>Marcas do Tempo: quem vive na Vila João XXIII?</i> , de Beatriz Farias.....	35
2.1.6 <i>Carpideiras: fé, mistério e devoção</i> , de Maísa Oliveira .....	35
2.1.7 <i>Prata da Casa: uma biografia de Neném Bragança</i> , de Gustavo Araújo .....	36
2.1.8 <i>À sombra da Gameleira</i> , de João Marcos Silva .....	36
<b>2.2 As características dos livros-reportagem de alunos escritores da UFMA</b> ...38	
2.2.1 A vivência em campo e a contextualização: pontos de partida .....	39
2.2.2 Da memória individual à construção da memória coletiva.....	43
2.2.3 Fontes oficiais, documentais e entrevistados: é possível equilibrar? .....	47
2.2.4 Humanização: o jornalismo feito de pessoas para pessoas.....	51

2.3 Biografia: uma análise à parte .....	56
<b>3 BASTIDORES DO LIVRO-REPORTAGEM: AS PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS ESCRITORES .....</b>	<b>60</b>
3.1 O livro-reportagem como trabalho de conclusão de curso.....	60
3.2 A escolha do tema.....	62
3.3 Trabalhe com o que amas e... terás desafios também.....	64
3.4 O mercado de trabalho também é uma escola .....	67
3.5 Sobre as características imprescindíveis no livro-reportagem .....	69
3.6 Particularidades e desafios na produção de uma biografia .....	73
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>79</b>

## INTRODUÇÃO

O processo jornalístico dentro das redações é, por muitas vezes, caracterizado pela rigidez da apuração que, marcada pela pressão do tempo e da objetividade, limitam o repórter a preferir fontes oficiais, oficiosas ou, quando são pessoas comuns, a ouvir somente quem contribui para a linha editorial e objetivo da pauta. O livro-reportagem surge como uma alternativa à superficialidade e desumanização presentes em algumas dessas abordagens. Por meio dele, é possível aprofundar as múltiplas faces de um acontecimento, analisar o contexto, ouvir as pessoas envolvidas e entender realidades que geralmente são excluídas do noticiário periódico. Esse processo difícil e cuidadoso permite criar narrativas centradas no ser humano desde a concepção da pauta, permeando a apuração e resultando em um texto com abordagem contextualizada.

Portanto, quando alunos do curso de Jornalismo se propõem a abordar em livros-reportagem temas como a história dos feirantes e consumidores da maior feira de Imperatriz ou o cotidiano de hansenianos em uma instituição de caridade, eles colocam em prática técnicas aprendidas nas disciplinas. Dominar a entrevista em profundidade, pesquisa documental, vivência jornalística e humanização é essencial para lançar luzes sobre a recuperação da memória histórica da região, com uma abordagem jornalística multifocal.

A partir desta perspectiva, objetivou-se realizar uma pesquisa direcionada pelos seguintes questionamentos: 1. Quais são as principais características de aprofundamento jornalístico presentes nos livros-reportagem escritos por alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – campus Imperatriz e apresentados como TCC? E 2. Quais são os desafios encontrados pelos alunos escritores na elaboração de livros-reportagem?

Sendo assim, pretende-se compreender e identificar as características presentes em oito livros-reportagem entregues como TCC, tais como a contextualização e aprofundamento jornalísticos, o equilíbrio entre as fontes documentais e os entrevistados, a recuperação de memória individual e a humanização. Em tempo, conhecer os desafios vivenciados pelos alunos enquanto escritores de livro-reportagem e a maneira como aplicaram cada uma das características identificadas.

Destaco a importância desta monografia ao realizar, pela primeira vez, a



categorização das características de livros-reportagem entregues como TCC, o modo como fortalecem o ensino do jornalismo de fôlego durante a graduação e a aplicação prática das técnicas aprendidas em sala de aula. E, também, compreender os bastidores desta produção por meio das percepções de alguns dos alunos escritores da UFMA – campus Imperatriz, assim como suas escolhas narrativas e conselhos para outros estudantes que desejam seguir o mesmo caminho ao final da graduação.

Para este estudo, foram escolhidas as seguintes obras: *Ondas da Memória: as histórias da primeira rádio de Imperatriz*, de Nayane Brito (2011), *Palco Iluminado: histórias do teatro em Imperatriz*, de Kalyne Cunha (2012), *A resistência do Império imaginário – História da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (MA)*, de Mario Negramaro (2013), *O que é que o Mercadinho tem*, de André Wallyson (2013), *Marcas do Tempo: quem vive na Vila João XXIII?*, de Beatriz Farias (2018), *Carpideiras: fé, mistério e devoção*, de Maisa Oliveira (2019), *Prata da Casa: uma biografia de Neném Bragança*, de Gustavo Araújo (2019) e *À sombra da gameleira*, de João Marcos Silva (2021).

O primeiro capítulo, intitulado *Livro-reportagem: conceitos e características*, faz um apanhado histórico do livro como produto jornalístico. Nele, são apresentados os precursores do livro-reportagem, os folhetins periódicos que mesclavam ficção e realidade. O contexto nacional e internacional do jornalismo literário e, posteriormente, da grande reportagem. O debate de pesquisadores sobre os conceitos e as características que norteiam o jornalista escritor durante a apuração e estruturação de sua narrativa, assim como os pressupostos para a produção de um livro-reportagem.

*Por dentro da análise: da metodologia às características dos livros-reportagem produzidos na UFMA*, o segundo capítulo, expõe os métodos utilizados na análise e os critérios de escolha dos livros, suas respectivas sinopses, os roteiros das entrevistas em profundidade (EP) e os nomes dos alunos entrevistados. Ele contém, ainda, a análise de conteúdo (AC) dos livros, com base nas seguintes categorias: apuração contextualizada, recuperação de memória, equilíbrio de fontes, humanização e para a biografia, um estudo à parte, devido às suas especificidades.

Por fim, em *Bastidores do livro-reportagem: as percepções e experiências dos alunos escritores*, as vozes dos entrevistados são colocadas em debate. Os autores abordam o produto como trabalho de conclusão de curso, a escolha do tema, os desafios e dificuldades da produção, a aplicação prática das características presentes nos livros, além das particularidades e desafios de uma biografia.

## 1 LIVRO-REPORTAGEM: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Na cobertura jornalística do cotidiano, os fatos nem sempre são interpretados em sua amplitude de ângulos possíveis. Detalhes do acontecimento narrado acabam não sendo tão explorados pelos repórteres que, impedidos pelo limite de caracteres e pela pressão do tempo para o fechamento, deixam de fora informações importantes sobre o contexto ou a história dos personagens. Em alguns casos ocorre, inclusive, a estereotipação, que tende a desumanizar os envolvidos. No entanto, Vilas Boas (2002, p. 20) afirma que “a narrativa jornalística agilizada por periodicidades de difusão curtas não é a única possibilidade de contar – em jornal, revista, TV, rádio ou website – o que aconteceu”.

Vilas Boas (2002, p. 54) reforça ainda que os fatos noticiados em periódicos têm muita relação com valores internos do próprio veículo de comunicação, tais como “a ideologia da empresa, os valores e desejos do leitor pesquisado, as decisões individuais e/ou coletivas em cada departamento, os gostos pessoais de editores e chefes de redação, a cultura da cidade e/ou do país”. Colocando-se contra esse ordenamento profissional é que surge, para o repórter, a perspectiva de elaborar um livro-reportagem. Para compreender melhor as bases que fundamentam a produção de conteúdo jornalístico em formato de livro, é necessário retornar alguns anos no passado, observando tanto o cenário nacional quanto o internacional.

A professora Arnt (2004) explica que com a Revolução Industrial (Século XVIII) e a necessidade de mão de obra especializada para as funções que estavam surgindo, houve a ampliação da população alfabetizada. Como os livros ainda eram financeiramente inacessíveis, os jornais supriam a necessidade cultural dos assalariados. Nessa época se desenvolveu o jornalismo literário, caracterizado pela publicação de folhetins, contos, romances e a presença massiva de escritores na imprensa. Desse período, nomes como Charles Dickens (1812-1870), Mark Twain (1835-1910), Honoré de Balzac (1799-1850), Fiódor Dostoiévski (1821-1881) no exterior, José de Alencar (1829-1877) e Machado de Assis (1839-1908), no Brasil, são representantes que produziram boa parte do conteúdo de suas obras nas páginas dos jornais.

Já no século XX, sob a influência do jornalismo literário, Euclides da Cunha (1866-1909) deu os primeiros passos em direção ao gênero reportagem. Em sua obra *Os Sertões* (1902), o jornalista e escritor relata a cobertura da Guerra de Canudos

(1896-1897), na Bahia, após acompanhar os fatos diretamente do front, como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, na época *A Província de S. Paulo*. Ainda que conceitualmente e em sua forma não possa ser considerado como o primeiro livro-reportagem brasileiro, Maciel (2017, p. 3) pondera que a obra é um marco para a reportagem no Brasil devido à transformação do “noticiário telegráfico, fragmentado, enviesado, em uma observação social mais aguda, embora questionada pela sociologia atual, tendo o ser humano e os seus conflitos como o centro.”

Em paralelo a Euclides, o cenário brasileiro contou com a importante contribuição de João do Rio (1881-1921), pseudônimo do jornalista João Paulo Barreto. Ele trabalhou como repórter no início do século XX, período em que a literatura e o jornalismo ainda se misturavam. Em suas crônicas sobre o cotidiano do Rio de Janeiro na era da recente República, Barreto seguia o processo de apuração de “um repórter dos tempos modernos: andava na noite, percorrendo os estabelecimentos do submundo carioca, conversando com as pessoas, juntando informações” (JORGE; BORGES, 2008, p. 192). Desse modo, ainda segundo os autores, ele afirmou como produto jornalístico o texto detalhista, contendo diálogos e nomes dos entrevistados.

Mais adiante, na década de 1950, contrariando o padrão de impessoalidade e objetividade jornalística firmado no pós-guerra, “os jornalistas-autores encaravam o produto livro como uma possibilidade de reunir o que consideravam de melhor em sua produção” (MACIEL, 2017, p. 6). O pesquisador elenca nesse período, o exemplo de Edmar Morel (1912-1989), consolidado por suas reportagens na revista *Cruzeiro* (1928-1975) e que publicou algumas reportagens em formato de livro, como *A revolta da chibata* (1959). Assim como Joel Silveira (1918-2007) e a dupla David Nasser (1917-1980) e Jean Manzon (1915-1990), que investiram nas crônicas e reportagens como forma de abordar os fatos com outra perspectiva e inserindo-se nas narrativas, reunindo seus escritos em livros que cativavam o público, embora controversos por forjarem muitas de suas matérias.

Por fim, no âmbito nacional, a revista *Realidade* (1966-1976) firmou as bases, pré-estabelecidas anteriormente, da grande reportagem no país. O periódico surgiu no mesmo período em que o Brasil vivenciava a ditadura militar (1964-1985), por isso, teve um papel relevante diante da censura imposta às redações. Com reportagens centradas na realidade social brasileira, a revista tinha o propósito de apresentar o país aos brasileiros, “por meio de grandes reportagens, que ao transpor as

realidades observadas, seja pelos repórteres de texto ou fotográficos, mergulhavam nas mais diversas realidades do país” (VIEIRA; LEITE, 2014, p.12).

No mesmo período, meados da década de 1960, surgia nos Estados Unidos o movimento conhecido como *new journalism*. Nomes como Tom Wolfe (1930-2018), Gay Talese (1932) e Jimmy Breslin (1928-2017) trouxeram importantes contribuições. Foram repórteres que escreveram matérias especiais com a intenção de alcançar o mesmo prestígio que os romances literários. Ritter (2013, p. 64) explica que os novos jornalistas, como eram conhecidos, iam até a notícia “esmiuçá-la, ver o mais de perto possível, para transmitir ao leitor, não só os fatos, mas também as suas impressões, suas emoções, bem como as impressões e as emoções dos personagens”.

É importante ressaltar que, nos Estados Unidos, livros como *Dez dias que abalaram o mundo* (1919), de John Reed (1887-1920) e *Hiroshima* (1946), de John Hersey (1914-1993) podem ser considerados como pré-marcos para o desenvolvimento de livros-reportagem naquele país. Entretanto, foi com *A Sangue Frio* (1966), de Truman Capote (1924-1984) que o movimento se consolidou. Na obra, Capote relata todo o contexto do assassinato da família Clutter na cidade de Holcomb, interior do estado do Kansas, Estados Unidos, desde a concepção do crime até a execução dos assassinos.

Ou seja, o *new journalism* surgiu do desejo de profissionais da imprensa em se tornarem escritores e da necessidade que eles tinham em produzir material jornalístico mais aprofundado, com amplitude de ângulos e fontes, tendo a liberdade para construir uma narrativa fluida, como a desenvolvida na literatura. Nessa vertente, o escritor poderia tornar os fatos mais atraentes, utilizando técnicas literárias, permitindo um “detalhamento maior de cenas, além de uma descrição do clima e da emoção no momento do acontecimento.” (LIMA, ALMEIDA, GUERRA, 2016, p. 2).

Agora, tendo compreendido o contexto em que se tornou possível produzir jornalismo sem seguir a estrutura tradicional, cabe debater os conceitos do livro-reportagem. Segundo Lima (2009, p. 26), este produto “é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”. No contexto desse formato de jornalismo, as temáticas abordadas costumam ser biografias, perfis, memórias e relatos de grandes acontecimentos e temas históricos que, mesmo escritos à semelhança de um romance, devem ter uma narrativa baseada em realidade, prezando pela exatidão no tratamento dos fatos (BELO, 2013).

Além de não estar atrelado ao cotidiano da redação jornalística, o livro-reportagem possui características que o diferenciam das demais publicações. Para Lima (2009), trata-se do conteúdo, que deve ser real e factual, zelando pela veracidade dos fatos. Do tratamento, que é puramente jornalístico, ainda que a escrita possa se inspirar na literatura. E da função, que pode ser explicar, orientar ou informar. Já para Catalão (2010), quando olha-se para o livro-reportagem no contexto brasileiro, temos as seguintes características: autoria individual, narração, familiaridade, didatismo, onisciência, excepcionalidade, personificação e contemporaneidade. Tais conceitos serão aprofundados mais à frente.

Uma característica marcante do livro-reportagem no Brasil é a preferência pela produção de biografias. Tal escolha é abordada nos estudos de Catalão e Lima. Mas, é Vilas Boas (2002) quem aprofunda as questões que envolvem este gênero. Segundo o autor, o maior objetivo de uma narrativa biográfica é trazer o conhecimento do passado de algo ou alguém. Para ele, livros-reportagem biográficos acolhem a seguinte hipótese: “Têm enfoque humano pela via da escrita impressa, mas algumas possuem elementos jornalísticos, como o compromisso com os fatos (passado) e com a clareza (acessibilidade).” (VILAS BOAS, 2002, p. 20).

A característica de personificação definida por Catalão (2010) só é possível devido ao grande número de fontes entrevistadas no processo de construção de um livro-reportagem. Ainda que sejam pessoas da cena comum do cotidiano, mas que tenham ligação com o desenrolar dos fatos. Isso acontece porque, segundo Marocco (2009, p. 10), “as fontes ‘sem importância’ tomam o lugar das fontes oficiais”. A mesma autora relata que as fontes não têm correspondência de autoridade, ônus à prova ou à verdade, além de não seguir um estilo prescrito pela forma jornalística.

Para Ijuim (2014), o jornalismo contemporâneo por vezes deixa de lado o fator humano na notícia, o que por si só é um ato de desumanização, visto que todo o acontecimento noticiado, de forma genérica, possui a ação humana. A angulação dada pelo repórter, muitas vezes em decisões rápidas, pode vir carregada de estereótipos, paradigmas e preconceitos, que vão desde a construção da pauta até posterior à publicação. Esses fatores implicam no relacionamento diferenciado que o repórter das mídias de produção diária e “do minuto” estabelece com o leitor, que sofre o impacto direto do tratamento dos fatos.

É por isso que a humanização dos acontecimentos relatados, muito presente em livros-reportagem, é o que aproxima o leitor da obra. Na concepção de Medina

(2003, p. 52-53) “de certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano”. Desse modo, garante-se, na visão da pesquisadora, a identificação entre o tema que é abordado com aquilo que o leitor vivencia ou com alguma realidade que ele conheceu.

Algo em que os autores e autoras concordam é que, mesmo que seja uma tarefa em sua maioria solitária, sem o apoio de colegas de redação ou do veículo de comunicação no qual trabalha, a decisão de elaborar um livro-reportagem exige muita dedicação e esforço. Assim, este tipo de obra, na perspectiva de apreciação do leitor brasileiro, é aquele que resulta “de um projeto individual do jornalista que o produzirá. É ele, o repórter-autor, quem assume o trabalho de planejamento, coleta e elaboração das informações que serão transmitidas ao público” (CATALÃO, 2010, p.128).

Tendo em vista que o livro-reportagem tem como uma das suas características permitir ao jornalista escritor uma liberdade na condução da narrativa, é válido apresentar o conceito de livro de repórter, estruturado por Marocco (2011). Em seu estudo, ela se aprofundou na escrita de Caco Barcelos nos livros *Rota 66* (1997) e *Abusado* (2003), a partir da qual foi notada a preferência do autor por apurar os fatos fugindo às regras do jornalismo tradicional.

Marocco (2011) explica que prefere o termo “livro de repórter” a “livro-reportagem”, por entender que é um texto que serve também como comentário. O autor não seria apenas um jornalista utilizando o livro como suporte para a reportagem, mas também um crítico das práticas jornalísticas. Para ela, é um texto “em que o jornalista, naturalmente, fará um exercício de interpretação criativa daquilo que é considerado norma no jornalismo, quer seja em suas práticas, quer seja no âmbito acadêmico” (MAROCCO, 2011, p. 121).

Belo (2013, p. 36) afirma, ainda, que aquele que elabora esse tipo de produto é um verdadeiro apaixonado pela profissão, “o faz por amor à reportagem e pela necessidade de contar histórias que atualmente não cabem em outros veículos – por força das limitações técnicas ou das circunstâncias”. Portanto, para que se aproxime da realidade “esquecida” pelos jornais tradicionais, é preciso mergulhar no contexto a que se pretende representar: “O autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam os seus personagens. Precisa interagir com eles.” (LIMA, 2009, p. 373).

Oliveira (2006, p. 11) propõe também que é justamente nesse terreno em que

se avança na apuração jornalística, indo além dos limites impostos pelo fazer jornalístico, que mora a principal característica do livro-reportagem. Segundo ela, a proximidade com o gênero literário unida “à veracidade e temática jornalística abrem espaço para uma reportagem mais atraente, aprofundada e dinâmica aos olhos do leitor, sem deixar de lado os princípios que regem o fazer jornalístico”.

### 1.1 Estrutura do livro-reportagem

Neste tópico, a proposta é expor a função e características que estruturam o livro-reportagem com base nas definições de Lima e Catalão, bem como comentar as recomendações de Vilas Boas para uma boa biografia. A começar por Lima (2009, p. 39-40), tem-se como função desse formato jornalístico:

[...] informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. Esta função aparente, ou declarada, pode se manifestar em diferentes níveis e em dois sentidos. De tal modo que a profundidade pode se dar horizontalmente – sentido extensivo –, verticalmente – sentido intensivo – ou numa mescla de ambos.

Lima (2009) define como profundidade horizontal a abordagem com dados, números e informações que possam ampliar de maneira quantitativa o conhecimento do tema. A vertical, por sua vez, está relacionada à ampliação qualitativa, como por exemplo a compreensão dos desdobramentos, das causas e consequências, entre outros. Dentro do nível das funções, o autor elenca algumas, como a ideológica, política, econômica e educativa. Ele propôs, ainda, a classificação de tipos de livro-reportagem, sendo que os conceitos escolhidos para compor essa análise estão inseridos no quadro a seguir:

Quadro 1 - Classificação dos tipos de livro-reportagem

Classificação	Conceito
Perfil	Obra em que o foco está na vida de uma pessoa, pública ou anônima, que pode ser uma figura olímpica ou alguém que represente um grupo social.
Biografia	Quando o jornalista foca seu enredo em uma personagem humana com um olhar para o seu passado, vida e carreira, também definida como variação do tipo perfil.
Depoimento	Neste tipo, o autor reconstrói um acontecimento relevante com base na visão de uma testemunha ou participante, com predominância de bastidores no estilo <i>action-story</i> .
Retrato	O protagonista aqui é uma região geográfica, um setor social ou um segmento de atividade econômica, seu objetivo é explicar e esclarecer para o grande público o funcionamento, problemas e complexidades do objeto em evidência.

História	O foco está em algum acontecimento do passado que ainda tem ligação com o presente, podendo ser a atualização de um fato ou a história de grupos empresariais ou atividade produtivas ou, ainda, o formato epopeia, com um acontecimento que foi de grande relevância social.
----------	---

FONTE: (LIMA, 2009, p. 51 a 58)

Lima (2009) ressalta que a classificação de tipos não é conclusiva, apenas uma sugestão, que pode sofrer acréscimos ou revisões. Além disso, ele destaca algumas liberdades que a produção de um livro-reportagem confere ao jornalista, que serão exploradas nos próximos parágrafos. A começar pela temática, cujo foco geralmente está em assuntos não abordados pela mídia tradicional ou que foram tratados superficialmente, como por exemplo no livro-reportagem *Carpideiras - Fé, mistério e devoção* (2019), da aluna escritora Maísa Oliveira, que conta a história de um grupo de mulheres da cidade de Caxias, Maranhão, que choram e declaram inselências em rituais de luto.

Outra das liberdades diz respeito à angulação, presença marcante do autor dentro do livro. Lima (2009) também menciona as liberdades com relação às fontes, que não se restringem às oficiais, como nas redações. E a temporal, na qual o assunto abordado tende a ser contemporâneo, com o resgate de algo passado que ainda reverbera no presente. Essas características, como poderá ser percebido no capítulo de análise, são visíveis no livro *O que é que o mercadinho tem* (2013), de André Wallyson, que apresenta um retrato bem detalhado da maior feira da cidade de Imperatriz, Maranhão.

Lima ressalta, ainda, a liberdade de eixo de abordagem, quando o jornalista escritor não precisa se ater ao acontecimento em si, mas no aprofundamento do seu contexto e na força determinante para os fatos. E, por fim, a liberdade de propósito, na qual se deseja ir além da informação explicadora de uma reportagem, como ocorre no livro *Palco Iluminado* (2013), de Kalyne Cunha, que propõe não apenas a abordagem histórica do teatro em Imperatriz, Maranhão, mas também chamar a atenção para o cenário cultural do município, como um pedido de ajuda.

Paralelamente a Lima, Catalão (2010) identificou em sua tese padrões nos livros-reportagem brasileiros e, com base nisso, definiu algumas características que serão conhecidas a seguir. Em seus termos, o jornalista-autor é individual, semelhante à angulação de Lima, o repórter é o responsável por realizar todo o trabalho praticamente sozinho, já que não está dentro de um sistema empresarial. O mesmo acontece nos livros-reportagem escritos por alunos, que se responsabilizam por todo



o projeto, contando apenas com a parceria do professor orientador.

Na narração, os textos costumam seguir uma ordem cronológica, mais linear dos fatos, como veremos em alguns livros desta análise. Pode-se destacar já neste momento *Ondas da Memória* (2014), de Nayane Brito, que retrata a história da Rádio Imperatriz, emissora pioneira na cidade, desde os preparativos para a primeira transmissão até os fatos posteriores à sua venda. A narração linear permite a familiaridade do leitor com o conteúdo e a autoria individual, por sua vez, garante uma escrita livre, não hierárquica ou convencional, provocando o sentimento de proximidade pessoal. Os livros-reportagem deste estudo contam com temas regionais e pouco abordados pela mídia local, contribuindo para a reflexão do futuro repórter a respeito do seu olhar jornalístico e também do acesso pelos leitores de uma visão mais aprofundada dos assuntos.

No livro *À sombra da gameleira* (2021), de João Marcos Silva, uma característica muito presente é o didatismo. Isso porque a história da cidade de João Lisboa, Maranhão, vai sendo contada ao mesmo passo que os personagens relevantes para o enredo são introduzidos. Ou seja, os fatos são relatados por meio de uma relação de contiguidade (sucessividade ou causalidade) e, também, há explicações históricas e o detalhamento de ambientes e contextos, de modo a facilitar a compreensão e explicitar os motivos para considerar este ou aquele personagem na construção do livro-reportagem.

Outras características definidas por Catalão (2010) são a onisciência, posto que as dúvidas, incertezas e inquietações são incomuns e o autor aparenta estar seguro de todos os detalhes já apresentados sobre os acontecimentos narrados. E a excepcionalidade, ponto que aproxima o livro-reportagem da notícia, na decisão de narrar o extraordinário, um acontecimento que tenha particularidades excepcionais. Esta última é muito notável em biografias, que geralmente trazem personagens importantes para determinado período histórico ou que tenham qualidades pessoais que justifiquem seu protagonismo. Por exemplo, no livro-reportagem *Prata da Casa: uma biografia de Neném Bragança* (2018), é possível perceber essa estratégia do autor Araújo com clareza, quando o personagem principal, um cantor, ganha projeção a partir de sua contribuição para o cenário cultural da cidade, já que venceu cerca de 70 festivais e, depois, sofre uma trágica morte por câncer na garganta, descoberto antes de iniciar aquele que seria seu último projeto musical.

O livro-reportagem é escrito sobre personagens, por isso, a personificação é

uma característica bem presente em todas as obras analisadas nesta monografia. A exemplo do livro *Marcas do tempo* (2018), da aluna escritora Beatriz Farias, no qual o foco está nas pessoas que vivem na Vila João XXIII, a partir do relato das suas memórias, perspectivas e como lidam com o cotidiano da instituição de caridade, voltada a pacientes com hanseníase. Por fim, um conceito semelhante à liberdade temporal de Lima, a contemporaneidade foge da premissa de atualidade factual, mas busca cativar leitores de diferentes contextos, vivências e crenças por meio de seus interesses em comum, estabelecendo conexões por viverem na mesma época e compartilharem a mesma cultura ou língua.

Para Catalão (2010), as características identificadas são importantes fatores para o apelo comercial do livro, por tornarem a história acessível ao leitor. Já a marca de onisciência, em específico, é a responsável por atestar às obras sua confiabilidade e qualidade pela ausência de dúvidas por parte do autor. Lima (2009), por sua vez, compreende o livro-reportagem como fruto da insatisfação dos autores, que sentem seu talento subutilizado no cotidiano de prazos apertados das redações e encontram nesse formato a possibilidade de se desafiar e ampliar as suas habilidades como comunicador. No olhar do aluno escritor, a relação é um pouco diferente, pois ele ainda tem um prazo de entrega mais curto e rígido a cumprir. Porém, esta particularidade será abordada com mais detalhes à frente, por meio de alguns depoimentos.

Dentre os tipos de livro-reportagem propostos por Lima (2009), um se sobressai no cenário brasileiro: a biografia. Vilas Boas (2002) defende que existe ainda pouco material teórico sobre esse universo, mesmo constatando que é o tipo de obra escrita por jornalistas que mais atrai leitores. Para ele, não é possível diferenciar a biografia como sendo jornalística, pois ela é híbrida em si mesma, podendo ser escrita por um repórter, um biógrafo ou um historiador. Portanto, Vilas Boas (2006) sugere uma metabiografia, na qual discute seis tópicos que devem ser repensados pelo jornalista-biógrafo para aperfeiçoar a construção, de seu modo, de um jornalismo biográfico.

O primeiro deles, segundo o autor, é a descendência, na qual as relações parentais são determinantes para definir o caráter ou personalidade do biografado. Entretanto, o ideal é utilizar as informações familiares para humanizar a vida do biografado. Por exemplo, a biografia de Neném Bragança inicia no momento em que o filho do músico percebe que o pai, naquele momento com câncer, estava partindo. A partir da visão do filho, o relato já inicia descortinando o cotidiano do protagonista,

trazendo para a superfície a sua natureza vulnerável e íntima.

O fatalismo, por sua vez, como destaca Vilas Boas (2006) é a tendência de colocar o biografado como um ser humano notável que chegaria ao sucesso independente dos obstáculos, posicionando a obra acima da vida do personagem. Por isso, é importante procurar a essência da pessoa para além dos seus feitos, carreira ou profissão. O aluno escritor Araújo, ao biografar Neném Bragança, buscou conhecê-lo por meio de seus amigos e colegas de profissão, o que permitiu apresentar ao público um protagonista que, fora dos palcos, era um tanto quanto indecifrável para seus amigos.

Inclusive, explorar o olhar das pessoas que conviviam com o biografado em diferentes contextos evita o que Vilas Boas (2002) nomeia como extraordinariedade. Ou seja, tomar a pessoa biografada como um herói perfeito, sem considerar os vários fatores que precisam convergir para culminar em seu sucesso. O ideal é apresentar o personagem central em diversas facetas, ao mesmo tempo que evidencia a contribuição das pessoas na construção de sua obra. Por exemplo, Neném Bragança teve muito apoio e incentivo dos seus amigos de profissão, e a sua biografia também torna cada uma delas conhecida. Entre os personagens do livro, destaca-se também as pessoas que o acompanharam e testemunharam suas conquistas e vitórias em incontáveis festivais.

O quarto tópico a se refletir, segundo as provocações de Vilas Boas (2006), é o conceito de verdade, quando a herança do jornalismo diário induz a crer que uma biografia deve ser um retrato real e completamente verdadeiro da vida do biografado. Entretanto, esse posicionamento é falho, segundo o pesquisador. O melhor caminho seria abraçar as ambiguidades da pessoa biografável. Entender que ela é a parte real de uma biografia, que deve imprimir com sinceridade sua vida e personalidade dentro daquilo que é possível trazer à tona. Sempre evitar, portanto, tomar como um relato absoluto e final de tudo o que o personagem foi e viveu.

Além dos pontos a serem evitados, Vilas Boas (2006) sugere dois que devem ser incluídos. Em primeiro lugar, a transparência do jornalista-biógrafo a respeito dos processos, dificuldades e caminhos que levaram a essa ou aquela decisão dentro da sua narrativa a respeito da vida do outro precisa estar presente na biografia. Aliás, a vida do biografado acaba refletindo elementos da própria vivência de quem biografa. Por exemplo, no prefácio de *Prata da casa*, o autor Gustavo Araújo é apresentado também como músico, o que explica o surgimento da sua relação de identificação e

semelhança com o biografado Neném Bragança.

A segunda inclusão refere-se ao tempo. Em vez de seguir uma estrutura cronológica rígida, como se a vida fosse linear com início, meio e fim, Vilas Boas (2006) sugere que se siga um pouco do que acontece em um filme de ficção, mesclando fatos estáticos com memórias. Desta forma é possível elaborar uma biografia fluida, em que tempo e narrativa vão construindo-se de forma recíproca. A única biografia objeto desta análise, por exemplo, inicia no exato momento da morte do protagonista Neném Bragança. Após essa abertura, os capítulos se estruturam com base em importantes momentos da sua vida, sem seguir um padrão prioritariamente cronológico, trazendo, assim, aspectos relevantes para a compreensão de sua história.

Vilas Boas (2006) reflete sobre pontos que também foram identificados por Catalão e Lima, como o conceito de onisciência e de verdade. O que os difere é que Vilas Boas (2006) sugere que o jornalista-biógrafo não se apegue a essas estruturas, como único meio de escrever uma biografia ou metabiografia. Mas, sim, repense a forma de utilizá-las, tendo em mente o que realmente importa na construção dessa narrativa: contar a história de outra pessoa de maneira sincera. Também é essencial explorar a essência do biografado por meio de suas diferentes faces e o modo como o próprio jornalista-biógrafo se relaciona com ele.

## **1.2 Literatura ou jornalismo?**

A dicotomia entre jornalismo e literatura, quando o assunto é livro-reportagem, tem sido amplamente discutida. Catalão (2010, p. 38), por exemplo, compreende que abraçar o rótulo “jornalismo literário” é reduzir o conceito de jornalismo e de literatura. Para o autor, utilizar essa terminologia é inadequado devido à presença da “inconsistência teórica, para um falso problema – o ilusório traço de ‘novidade’ em uma prática jornalística que apenas dá continuidade a um estreito relacionamento entre duas áreas de atividade discursiva”. Em contrapartida, Pena (2007, p. 56) defende que o jornalismo literário é como uma melodia que não se divide em ficção ou verdade, mas numa verossimilhança possível. Segundo o autor, “não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados”.

Já para Vilas Boas (2002), o livro-reportagem faz parte da prática jornalística e

também da literária. Concordando com esse posicionamento, Lima (2009, p. 10) diz que “curiosamente, o livro-reportagem pode ser visto como um subsistema híbrido, ligado tanto ao sistema jornalismo quanto ao sistema editoração”. Desse modo, ele é fundamentalmente jornalístico, por seguir os recursos técnicos provenientes desta prática, porém, é também dependente do universo editorial, mesmo que em menor grau, como por exemplo, as editoras, o mercado, a distribuição do produto livro. Maciel (2018, p. 275) traduz o temor por parte dos jornalistas escritores a respeito dos termos jornalismo literário e mesmo livro-reportagem, frisando que “alguns autores preferem os termos ‘tratamento elegante’ e ‘fôlego’ para explicar como organizam o longo texto”.

Sendo assim, como diferenciar o que é apenas literário do que é fruto de uma produção jornalística ou mesmo algo híbrido entre essas duas linguagens? Um dos pilares, segundo Belo (2013), é a exatidão com a qual a narrativa será abordada, sempre baseada na realidade. Ele sugere alguns passos para a construção do livro-reportagem. É importante partir de um tema atrativo, durável e extenso que justifique a publicação. Depois, definir a pauta e o tratamento do assunto e iniciar na sequência o processo de uma apuração rigorosa. Por fim, elaborar um texto denso, bem escrito, informativo e de fácil entendimento. Mais adiante, será abordado o modo como o aluno escritor André Wallyson admitiu uma postura onisciente e onipresente. Ele estrutura a narrativa sobre o Mercadinho de Imperatriz com atenção aos detalhes, descrições vívidas de ambientes, sons e diálogos entre comerciantes e clientes.

Como Guzzo e Teixeira (2008, p. 3) afirmam, o jornalismo literário possibilita narrar “utilizando técnicas emprestadas da literatura e mostra ao leitor um texto interessante, atraente, criativo e humanizado, que acentua sua curiosidade e sai da rotina das matérias submetidas ao *lead*”. Por fim, com base no que foi colocado, serão destacadas a seguir quatro características imprescindíveis na produção de um livro-reportagem, sendo elas: apuração contextualizada, recuperação de memória, equilíbrio de fontes e humanização.

### **1.2.1 Apuração Contextualizada**

Como sinalizado anteriormente, a vivência do jornalista escritor durante o processo de investigação é de suma importância para a construção do livro-reportagem. Essas obras são resultado de um longo e árduo trabalho de apuração, sendo necessário prestar muita atenção aos detalhes e ter inteligência para

correlacioná-los aos fatos (BELO, 2013). Para Rocha & Xavier (2013, p. 151-152), ser um observador atento “capacita o repórter a apreender melhor os elementos que cercam a investigação. A ida a campo faz parte do processo de produção do livro-reportagem, é difícil imaginar sua inexistência na concretização desse suporte”. Será abordado com mais detalhes adiante, porém, o livro-reportagem *A Resistência do Império Imaginário* (2013), do aluno escritor Mário Alves Lima só foi possível devido à sua vivência na Festa do Divino, em Alcântara, Maranhão.

Para exemplificar a apuração contextualizada, em estudo feito sobre o livro-reportagem *Todo dia a mesma noite* (2018), de Daniela Arbex, Dias (2019, p. 140) evidencia que a jornalista escritora não se ateve apenas ao que aconteceu no dia do incêndio na Boate Kiss e ao que foi veiculado sobre a tragédia nas horas posteriores. Pelo contrário, ela “questiona sobre os dias seguintes, procura identificar as causas e explorar as consequências dos descuidos banalizados por agentes públicos e empresários”. Tudo com a meta de construir o pano de fundo dos fatos para além do que estava explícito. Vilas Boas (2002, p. 112), em seu estudo sobre as biografias escritas por Ruy Castro (Garrincha, Carmem Miranda), Fernando Morais (Olga Prestes, Assis Chateaubriant) e Jorge Caldeira (Mauá), afirma ter percebido que “os três procuraram manter-se estritamente no universo dos fatos, tanto que checaram incontáveis vezes relatos, confrontaram testemunhos, autenticaram informações”.

Ainda no processo de apuração, além das entrevistas em profundidade, é necessário acessar documentos históricos, artigos, monografias, matérias jornalísticas publicadas na época e obras literárias, para garantir que as memórias expostas pelas fontes tenham veracidade e transparência. Essas ações são essenciais, posto que a memória é incerta (SOUZA; PEIXINHO, 2014), já que é parte da perspectiva pessoal do entrevistado. Desse modo, Vilas Boas (2002, p. 78) expõe que “os dados são recolhidos para uma seleção crítica e transformados em texto”. Assim, o jornalista escritor garante a confiabilidade das informações contidas em seu material, prezando pela técnica jornalística de verificação dos dados e fatos. Um excelente exemplo foi a pesquisa documental realizada pelo aluno escritor João Marcos Silva, que trouxe como base para o retrato de João Lisboa o estudo de jornais antigos, fotografias, atas e registros religiosos.

Essa construção pautada em diferentes ângulos de visão, com a possibilidade de aprofundamento em fontes e documentos, só acontece porque “há tempo para mergulhar no assunto escolhido – algo impossível no cotidiano das redações, onde

muitas vezes a apuração dos fatos é feita por telefone” (SCHNEIDER, 2007, p. 9). Portanto, ainda sob a perspectiva da mesma autora, o livro-reportagem surge como uma alternativa para que os jornalistas possam “abordar, em profundidade, temas que não encontram espaço nos veículos de comunicação convencionais” (SCHNEIDER, 2007, p. 23). No contexto da imersão nos fatos, quando se refere à biografia, Vilas Boas (2002) reforça que é necessário ter a habilidade para selecionar acontecimentos e citações sem distorcer a imagem do biografado, e os jornalistas que não a têm devem buscá-la.

Por fim, Belo (2013) compreende, ainda, que a apuração e a edição requerem intensidade. Para ele, é necessário buscar a informação verdadeira e, sobretudo, contextualizada. Não basta apenas apresentar um conjunto de fatos, mas sim desdobrá-los e explicá-los. O autor levanta a crítica de que, tendo em vista a pouca contextualização da mídia brasileira sobre os acontecimentos, cabe ao livro-reportagem essa responsabilidade, garantindo que o leitor possa fazer conexões entre o que está sendo abordado e sua própria vida, entendendo de que modo é afetado pelos acontecimentos ao redor. Esse exercício pode ser percebido no livro-reportagem sobre a Rádio Imperatriz, no qual Nayane Brito (2014) contextualiza por meio de documentos e relatos os acontecimentos marcantes da história da emissora e que não foram profundamente abordados, como o dia que a sua sede foi alvo de um incêndio, por exemplo.

### **1.2.2 Recuperação de Memória**

Enquanto a notícia diária preza pela atualidade dos fatos, deixando de lado aquilo que não é mais relevante para a abordagem do presente, o livro-reportagem se estabelece como um importante contribuinte na construção de memória e registro histórico para fatos passados. Por meio dele, “fatos dispersos no tempo e no espaço podem ser retomados e reconstituídos, tomando-se como referência a memória dos sujeitos que participaram da história a ser contada” (SOUZA & PEIXINHO, 2014, p. 4). Por isso, o livro-reportagem pode ser entendido como um meio relevante de recuperação e preservação de memória.

A estrutura temporal de um livro-reportagem se dá, para Catalão (2010), por meio da contemporaneidade, pois, se por uma face é abordado o passado, o distante, por outra, apresenta-se o tema de maneira acessível. Esse movimento permite ao

leitor que experencie e seja envolvido pelo assunto como contemporâneo à trama e às pessoas retratadas. Souza e Peixinho (2014) exemplificam essa questão quando dizem que a memória individual serve para referenciar o passado tanto quanto para reforçar o que já se sabe, a partir de uma visão coletiva. E, quando relacionamos esse debate à construção da biografia, vemos em Vilas Boas (2002, p. 21) que seu objetivo maior é “gerar conhecimento sobre o passado de alguém ou de alguma coisa”.

Lima (2009, p. 45) concorda com o conceito de contemporaneidade quando compreende o livro-reportagem como ferramenta de documentação do passado, para entendimento e reconhecimento do presente e previsão para o futuro. O autor reitera que “pode o livro-reportagem escapar do passado, embora mergulhe nele, focalizar o presente, mas também avançar no futuro, antecipando a continuidade do atual, mediante seus desdobramentos, no que virá a ser”. Sobre esse aspecto, Belo (2013, p. 48) declara que o trabalho do autor é facilitado quando este usa técnicas de apuração e de produção do texto, de modo a “relacionar acontecimentos do passado e suas influências no dias de hoje ou no comportamento da sociedade”.

Mediante o exposto, é importante entender a diferença entre história e memória para compreender a abordagem dos livros-reportagem. Enquanto a história é o que aconteceu e está registrado de forma documental, a memória é subjetiva, dependendo do ponto de vista de quem se recorda dos fatos. Coutinho, Araújo e Fernandes (2015, p. 5), durante a pesquisa para a elaboração de seu livro-reportagem sobre o Passeio Público de Fortaleza, utilizaram-se do recurso da memória coletiva para dar sentido à história do patrimônio, defendendo que ela é “essencial na busca da origem de um povo, gerando curiosidade e busca de conhecimentos mais aprofundados, contribuindo substancialmente na definição e rememoração de sua identidade”.

### **1.2.3 Equilíbrio de Fontes**

Toda reportagem é construída não apenas dos fatos em si, mas de fontes que possam confirmá-los ou refutá-los, auxiliando no seu desdobramento e interpretação. No jornalismo presente dentro das redações, as fontes que se sobressaem são as definidas como oficiais, podendo ser pessoas ou documentos. No entanto, quando o objetivo é a construção de um livro-reportagem, “é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2006, p. 8).



Para Medina (2014, p. 13), os leitores sentem maior interesse em narrativas do cotidiano, que centralizam a história na figura humana, anônima e em suas falas colhidas pelo repórter. Desta forma se estabelece o que ela chama da arte de tecer o presente, a “relação do sujeito-repórter com o sujeito-protagonista social e a produção de símbolos que se consagra na comunicação social leva à marca da autoria coletiva, porque o mediador-autor traz para sua voz a voz dos outros”. Para Lage (2005), essa relação parte de perguntas propostas pelo jornalista escritor, mas ele ressalta que o tom é construído por entrevistador e entrevistado, resultando em um diálogo aprofundado e detalhado. No livro-reportagem sobre as carpideiras, Maísa Oliveira (2019) costura as histórias do livro por meio das conversas estabelecidas com as personagens, figuras que contribuem diretamente para o tom da narrativa, ainda que sob o direcionamento da autora.

Por isso é que o livro-reportagem, por ser construído fora do ritmo acelerado das redações, permite que o jornalista escritor abra-se para um coral de múltiplas vozes (LIMA, 2013). Entretanto, Rocha e Xavier (2013, p. 149) lembram que a escolha de fontes não é aleatória: “No caso do livro-reportagem a preocupação estará ligada à abordagem. Os tipos de informantes escolhidos pelos jornalistas vão determinar qual é o tipo de abordagem dada ao assunto”. Na biografia, Vilas Boas (2002, p. 20) sinaliza que as fontes são as mesmas utilizadas por um historiador ou jornalista investigativo, ou seja, “documentos (oficiais e não-oficiais), correspondências, fotos, diários, *clippings*, livros de memórias e autobiografias, assim como, eventualmente, entrevistas de compreensão e reconstituição”.

Mas, é possível manter o equilíbrio necessário entre as fontes para que a narrativa faça sentido e, mais importante que isso, cumpra o objetivo de informar com verdade o tema abordado? Vilas Boas (2002) faz um apontamento relevante, afirmando que fontes primárias e secundárias requerem criticidade, pois os entrevistados podem alterar pensamentos e palavras devido à idade e convivência, podem mentir ou reproduzir o que ouviram como se tivessem vivenciado. Portanto, o jornalista escritor deve “confrontar as diferentes opiniões e chegar a um denominador comum, ou simplesmente evitar o uso de informações duvidosas” (SOUZA; PEIXINHO, 2014, p. 6).

Dessa forma, como em qualquer material jornalístico, a premissa de obter a verdade dos fatos se mantém na construção de um livro-reportagem. Por isso, é necessário ter sempre em mente que as fontes são pessoas que podem falar a

verdade, mentir, omitir, esquecer-se de detalhes relevantes. E, como Belo (2013) reforça, o entrevistado pode não mentir, mas apresentar imprecisões em seus depoimentos, pois cada um vê fatos e personagens do seu próprio ponto de vista. Portanto, entrevistar diferentes pessoas, consultar fontes documentais e no final contrapor depoimentos e informações é um dos fundamentos para um trabalho bem estruturado e equilibrado na produção de uma obra desse gênero.

#### **1.2.4 Humanização**

Uma das características mais marcantes do livro-reportagem é a humanização. Dias (2019, p. 142) aborda que “a abertura a uma postura mais humanizada dimensiona a preocupação de jornalistas em relação à coleta de informações e entrevistas”. Dessa forma, o ambiente com prazos de *deadline* alongados permite não apenas o aprofundamento e amplitude da abordagem, mas principalmente a sensibilização do tema, ao trazer para o centro a figura humana. Em uma biografia, por exemplo, é possível identificar-se com o personagem ao conhecer seus fracassos e conquistas: “O biógrafo lida com ‘humanidades’ enfrentadas por qualquer geração: os processos de adolescência, a puberdade, o início da vida adulta, a maturidade e o declínio” (VILAS BOAS, 2002, p. 37).

Schneider (2007) aponta que a reportagem humaniza o relato e elege heróis, o que só acontece porque o jornalista escritor se dispõe a deixar a estrutura clássica do texto informativo e parte ao local dos acontecimentos, saindo da posição de espectador, se aproximando do público e envolvendo-se com os fatos. Belo (2013, p. 51) já adianta que, no livro, a reportagem deve trazer a dimensão humana da situação e informações que tornem possível ao leitor entender a personalidade dos personagens da história e se empolgar para ler um texto mais longo. Desse modo, “a humanização do relato, além de despertar, facilita a contextualização dos fatos e abre boas perspectivas para a receptividade da obra no mercado”.

Para Pereira (2017, p. 62), “nas reportagens que primam pela humanização, os fatos passam a ser descortinados por meio das subjetividades, que encaminham o leitor na progressão do enredo”. Desse modo, a autora compreende que humanização e complexidade caminham juntas. Ao trazer à tona as subjetividades das personagens humanas, o texto torna-se mais denso e complexo. Foge da estrutura tradicional que prioriza a explicação superficial e objetiva dos acontecimentos. Esse pensamento

concorda com o exposto por Lima (2009), ao colocar que a princípio não é interessante obter a verdade absoluta com isenção e imparcialidade, mas, sim, compreender o tema abordado do ponto de vista em profundidade dos personagens.

Ijuim (2012, p. 133-134), entretanto, mergulha no conceito de humanização ao afirmar que esta começa ainda na pauta: “O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista”. O autor defende que, mais que apenas elevar a fonte ao nível de personagem na história, a humanização está na relação que o jornalista estabelece com os sujeitos de comunicação. Este deve se dispor a enxergar, escutar, questionar e sentir, para levar à compreensão das ações humanas ao apurar a essência dos fenômenos. De modo que, ao final, o resultado seja um trabalho que “respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de prejulgamentos, de preconceitos e estereótipos. Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador”.

Portanto, é importante ressaltar que a humanização não é uma característica exclusiva do livro-reportagem que, em alguns casos, pode até ser escrito com propósitos dúbios ou sensacionalistas. Ainda assim, nota-se que em sua maioria busca-se, por parte dos jornalistas, “corrigir” as falhas cometidas nas notícias cotidianas, explorando novos ângulos, apresentando seres humanos sem os rótulos sociais, permitindo que estes falem por si próprios como protagonistas nesse formato de fazer jornalístico. Como Lima (2009, p. 359) pondera:

“Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos e nem os vilipendiamos”.

De antemão, os livros-reportagem estudados nesta análise apresentam diferentes abordagens. Entretanto, dois deles se destacam pela característica da humanização, *O que é que o mercadinho tem* (2013) e *Marcas do tempo* (2018). Em ambos é perceptível o esforço dos alunos escritores em aprofundar a temática, tendo os personagens como ponto de partida e participantes diretos na construção dos fatos. No próximo capítulo, este e outros tipos de abordagem envolvendo as obras em análise serão apresentados.

## 2 POR DENTRO DA ANÁLISE: DA METODOLOGIA ÀS CARACTERÍSTICAS DOS LIVROS-REPORTAGEM PRODUZIDOS NA UFMA

Para construir a análise dos livros-reportagem elaborados como trabalho de conclusão de curso de estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, especificamente no campus de Imperatriz, foi necessário entender primeiro qual seria o método norteador desta monografia. Decidiu-se pela utilização de dois: a análise de conteúdo (AC) e a entrevista em profundidade (EP). A começar pela primeira (AC), o conceito aplicado encontra-se em Bardin (2011, p. 47), que a define como sendo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Dessa forma, a intenção é analisar as características presentes nos livros-reportagem com base nas seguintes categorias: apuração contextualizada, recuperação de memória, equilíbrio de fontes e humanização, considerando os conceitos e definições apresentados no capítulo anterior. Além desses aspectos, para garantir a coerência, a única biografia produzida no curso será analisada, também, segundo os seis tópicos discutidos por Vilas Boas (2006): descendência, fatalismo, extraordinariedade, verdade, transparência e tempo. Até o final do primeiro semestre de 2022, foram produzidos 15 livros-reportagem como produtos no TCC, levando em conta um ciclo que teve início em 2011. Dentre esses, foram selecionados oito como objetos dessa análise, apresentados no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Livros-reportagem escolhidos para a análise

Livro-Reportagem	Autor	Ano
Ondas da Memória: as histórias da primeira rádio de Imperatriz	Nayane Brito	2011
Palco Iluminado: histórias do teatro em Imperatriz	Kalyne Cunha	2012
A resistência do Império imaginário – História da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (MA)	Mario Negramaro	2013
O que é que o Mercadinho tem	André Wallyson	2013
Marcas do Tempo: quem vive na Vila João XXIII?	Beatriz Farias	2018
Carpideiras: fé, mistério e devoção	Maisa Oliveira	2019
Prata da Casa: uma biografia de Neném	Gustavo Araújo	2019

Bragança		
À sombra da Gameleira	João Marcos Silva	2021

Os livros-reportagem analisados foram escolhidos com base em dois fatores principais. O primeiro é a amplitude temporal, a partir da qual objetivou-se uma análise que compreendesse a produção desde as primeiras turmas formadas até as mais recentes. No caso do anos que se repetem, o motivo é explicitado no critério dois. O segundo diz respeito à diversidade temática, ou seja, títulos com abordagens muito distintas entre si. Por exemplo, mesmo que haja dois livros produzidos em 2019, são de gêneros diferentes, sendo um deles uma biografia. O mesmo acontece com os exemplares de 2013, que retratam acontecimentos situados em Imperatriz e Alcântara, com cidades e temas diversos, no caso, uma feira e uma festa religiosa, aspectos que garantem a novidade das obras.

Para mergulhar na realidade dos alunos escritores, compreender os bastidores dos livros-reportagem como produto do TCC, as escolhas feitas por eles e elas e as dificuldades vivenciadas durante esse processo, foi utilizada a entrevista em profundidade. Segundo Duarte (2005), trata-se de uma técnica dinâmica e flexível, ideal quando se deseja mensurar a percepção de um grupo sobre determinada situação ou fato. Ou, como Gaskell (2013, p. 78) define, “o objetivo da pesquisa é para explorar em profundidade o mundo do indivíduo”. Os entrevistados foram selecionados com base nos seguintes critérios: equilíbrio de gênero, sendo dois homens e duas mulheres, épocas e contextos diferentes do curso, como o aluno que se formou em meio à pandemia e, por último, o autor da única biografia.

Nessa etapa, foram convidados quatro ex-alunos dentre os escritores dos livros-reportagem expostos no quadro 2, sendo Beatriz Farias, Gustavo Araújo, João Marcos Silva e Kalyne Cunha. Os encontros aconteceram em formato online e presencial entre os meses de maio e junho de 2022, com duração média de uma hora e meia. Para a condução das entrevistas, foram utilizados dois questionários semi-estruturados, com base na definição de Duarte (2005, p. 66) sobre este tipo de roteiro que “é conjugado com a flexibilidade por parte do investigador de adaptá-lo ao conhecimento e disposição do entrevistado, qualidade das respostas e circunstâncias da entrevista”.

Por isso, foram elaborados dois roteiros pautados nos objetivos propostos desta análise, conforme Gaskell (2013, p. 66) sugere, ressaltando a importância de

“leitura crítica da literatura apropriada, um reconhecimento do campo (que poderá incluir observações e/ou algumas conversas preliminares com pessoas relevantes), discussões com colegas experientes e pensamento criativo”. As linhas de força das entrevistas foram estruturadas de acordo com o exposto no Quadro 3.

Quadro 3 - Roteiros para as entrevistas em profundidade

Roteiro	01	02
Linhas de força	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O livro-reportagem como trabalho de conclusão de curso.</li> <li>2. Acervo do conhecimento adquirido no jornalismo e aplicado ao livro-reportagem.</li> <li>3. Formas narrativas do livro-reportagem e o leitor imaginado.</li> <li>4. Sobre as características imprescindíveis no livro-reportagem.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1 a 4 do roteiro um.</li> <li>5. Sobre os desafios de escrever uma biografia.</li> </ol>

Para os entrevistados Beatriz Farias, João Silva e Kalyne Cunha, foram aplicadas as perguntas do roteiro 1. Já a entrevista feita com Gustavo Araújo seguiu o que estabelece o 2, que acrescenta um bloco de perguntas extras com foco nas particularidades do tipo do seu livro-reportagem, uma biografia. Espera-se que, com essas entrevistas, seja possível compreender as rotinas de um aluno ou aluna que decide escrever um livro-reportagem em comparação com as liberdades definidas por Lima (2009), as características de Catalão (2010) e os tópicos da metabiografia de Vilas Boas (2006). Entretanto, o detalhamento dessas percepções, pela visão dos autores, será delineado apenas no capítulo 3 desta monografia.

## 2.1 Livros-reportagem como objetos de análise

Como enunciado no tópico anterior, foram selecionados oito livros dentre os 15 produzidos como TCC por estudantes da UFMA, campus Imperatriz. Antes de analisar com profundidade as características desses produtos, é necessário conhecê-los um pouco mais. Tive a honra de descobrir alguns aspectos de Imperatriz e do Maranhão por intermédio dessas obras, por isso, trago a seguir uma sinopse breve de cada título estudado nesta monografia, todos apresentados em ordem cronológica crescente.

### 2.1.1 *Ondas da Memória: as histórias da primeira rádio de Imperatriz*, de Nayane Brito

Reconstrói a história da Rádio Imperatriz por meio do depoimento daqueles que

vivenciaram o cotidiano do veículo, desde a sua criação em 1978, durante a ditadura militar, pelas mãos e investimentos do empresário e radialista Moacyr Sposito, até a última transmissão em 2005, antes de a emissora ser vendida para uma igreja evangélica. No decorrer dos capítulos são aprofundados acontecimentos relevantes para o veículo de comunicação, como o incêndio que acometeu a primeira sede da rádio, a cobertura jornalística do assassinato de Padre Josimo e do jogo de futebol Brasil *versus* Portugal, que aconteceu em 1980 no Estádio Castelão em São Luís, no Maranhão. Além de apresentar muitos nomes conhecidos no jornalismo de Imperatriz que começaram na emissora, mostrar a ligação emocional dos ouvintes com a rádio e revelar a figura central por trás dela, Moacyr Sposito.

### **2.1.2 *Palco Iluminado: histórias do teatro em Imperatriz, de Kalyne Cunha***

Do teatro cristão-católico, incentivado pelas freiras no Colégio Santa Terezinha, até a irreverência da Companhia Okazajo, o livro propõe contar a história da prática teatral na cidade de Imperatriz. A obra mostra como essa expressão artística foi se modificando no município, do religioso ao secular, amador ao profissional, tendo momentos de ascensão e outros de hiato. Por meio de documentos e relatos orais, as cenas dessa peça se desenrolam em questionamentos sobre a falta de apoio municipal e estadual para as artes cênicas; as dificuldades, manifestações e lutas para conseguir incentivo e estabelecer o cenário cultural da cidade e as conquistas da classe artística de Imperatriz em festivais. E, por fim, as perspectivas sobre presente e futuro dessa arte produzida no interior do Maranhão.

### **2.1.3 *A resistência do Império imaginário – História da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (MA), de Mario Negramaro***

Uma das celebrações religiosas mais importantes do estado do Maranhão é a personagem principal desse livro. Nele é possível vivenciar os 12 dias da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Alcântara, próxima à capital São Luís. Com muita descrição e detalhes, cada dia da festividade descortina personagens diversos, sendo que dentre eles os que mais se destacam são as caixeiras, senhoras devotas e tocadoras de caixa, que participam ativamente de todas as cerimônias, entoando suas canções. Além delas, são apresentados alguns festeiros, a imperatriz-menina e o

mestre-sala Moacyr. Com um passado aristocrata marcado pela escravidão, a obra recupera o clima desse período na história da cidade e sua relação com diferentes momentos da celebração.

#### **2.1.4 O que é que o Mercadinho tem, de André Wallyson**

Tem tempero, panelada, remédios naturais, mercado de troca, artigos religiosos e esotéricos. Tem tudo isso e mais um pouco. Focado no cotidiano do Mercadinho, a maior e mais antiga feira a céu aberto da cidade de Imperatriz, o livro detalha, se não todos, mas a maioria dos aspectos tão múltiplos deste local. As relações construídas no cotidiano de trabalho pesado, debaixo de tendas sob o sol quente são descortinadas a partir das histórias de personagens muito peculiares. Pessoas que estão presentes ali desde a infância, aquelas que chegaram há pouco tempo, ou clientes que passam todo dia no mesmo horário para comprar os produtos de fazer o almoço. São paneleiras, verdureiros, vendedores, fornecedores e consumidores que fazem do Mercadinho esse quebra-cabeça regional e símbolo de Imperatriz.

#### **2.1.5 Marcas do Tempo: quem vive na Vila João XXIII?, de Beatriz Farias**

O livro aborda um tema rodeado de preconceitos e incertezas de forma leve, respeitosa e humana. Por mais que a hanseníase esteja presente em todos os capítulos como assunto que conecta a vida e as relações entre os personagens, a obra se atém mais às histórias e vivências dos moradores, funcionários e voluntários da Vila João XXIII. Ainda que o livro evidencie as dificuldades que a instituição enfrenta, como falta de subsídios financeiros, sobressai a dedicação e o esforço dos funcionários, voluntários ou não, que atuam diariamente nos cuidados dos doentes. Na obra, a instituição de caridade da Igreja Católica, a Vila João XXIII, deixa de ser vista como um lugar de abandono para aqueles que foram esquecidos ali pelos seus familiares e passa a ser apresentada como um ambiente de zelo, esperança e fé.

#### **2.1.6 Carpideiras: fé, mistério e devoção, de Máisa Oliveira**

As carpideiras existem desde os tempos bíblicos e do antigo Egito e é a partir



desse contexto que esse livro-reportagem inicia a sua narrativa. As senhoras representadas nessa obra residem na cidade de Caxias, no leste maranhense e carregam esse título por entoarem inselências em ritos funerários. Religiosas, sejam católicas ou umbandistas, elas veem seu trabalho como uma missão espiritual. Foram reunidas e organizadas por Leo Barata, que tornou conhecido a elas o nome dado à sua profissão. A atuação das carpideiras é mostrada em diferentes momentos, como na Procissão do Fogaréu e também a inusitada participação na novela *Velho Chico*, da Rede Globo, em 2016. Existe também um carpideiro homem, mas este fica em Imperatriz e não se reconhece dessa forma. Entretanto, é muito requisitado para entoar canções e rezas nos rituais de despedida.

### **2.1.7 Prata da Casa: uma biografia de Neném Bragança, de Gustavo Araújo**

A única biografia escrita por um aluno de jornalismo da UFMA de Imperatriz conta um recorte da vida e obra de Neném Bragança, também conhecido como o papa-festivais, por ter vencido cerca de 70 destes eventos. O cantor e compositor com uma participação ativa no cenário musical de Imperatriz tem sua história contada a partir da visão de familiares, amigos e companheiros de estrada. Neném contribuiu não apenas com suas músicas e interpretações, mas foi também um dos principais envolvidos no maior festival cultural da cidade, o Festival Aberto Balneário Estância do Recreio (Faber), conhecido como a *Woodstock* de Imperatriz, nos anos 1990. O livro resgata, ainda, sua tristeza e, às vezes, revolta a respeito do descaso dos poderes públicos em relação aos investimentos na cultura da cidade e dos artistas locais. Reforça que muitas vezes o reconhecimento vinha de fora, de outros estados, nos quais o cantor representava o Maranhão em festivais.

### **2.1.8 À sombra da Gameleira, de João Marcos Silva**

A história de João Lisboa, município maranhense que foi emancipado de Imperatriz em 1961, é contada com base em alguns marcos da cidade. Como a chegada do primeiro morador, que construiu seu teto abaixo de uma gameleira, árvore que posteriormente nomearia o local por muito tempo. E, também, as primeiras eleições municipais após a emancipação; o mandato da única prefeita mulher; a construção das escolas pioneiras; a contribuição da Igreja Católica no

desenvolvimento social da cidade; a relação dos moradores com o esporte; o cenário da comunicação e jornalismo por meio de rádios comunitárias, de poste e os jornais independentes; por fim, como o período de isolamento da pandemia do Covid-19 afetou o cotidiano dos moradores.

Como se pôde observar, as temáticas abordadas nos livros-reportagem escritos por estudantes de jornalismo na UFMA são variadas. São focados geralmente em Imperatriz, mas com alguns títulos a respeito de outros lugares no Maranhão, como as obras sobre a tradição das carpideiras na cidade de Caxias, a Festa do Divino, em Alcântara e a história do município de João Lisboa. Por fim, mesmo que esta análise não tenha o objetivo de catalogar os livros-reportagem, considero importante apresentar, com base na classificação de Lima (2009) detalhada no primeiro capítulo, os tipos predominantes entre aqueles que estão sendo estudados.

Quadro 4 – Tipos dos livros-reportagem da UFMA (campus Imperatriz)

Livro-Reportagem	Tipo	Citação de exemplo
Ondas da Memória: as histórias da primeira rádio de Imperatriz	Retrato/ História	“Entre linhas escritas, fotografias e recortes de jornais, é possível conhecer a trajetória da Rádio Imperatriz” (BRITO, 2011, p. 17).
Palco Iluminado: histórias do teatro em Imperatriz	História	“Na década de 1970, o teatro romperia as barreiras das escolas e das igrejas e seria apresentado a todos, embriagando a mente e o estilo de vida da pacata Imperatriz” (CUNHA, 2012, p. 29).
A resistência do Império imaginário – História da Festa do Divino Espírito Santos em Alcântara (MA)	Retrato	“É durante a festa que a cidade se reconhece na representação dos dias de glória de outrora, na encenação de um império imaginário, agora sem discriminação. A folia ao Divino traz nas caixeiros a representação da senzala, e no mastro, a referência ao pelourinho, ao sofrimento negro” (NEGRAMARO, 2013, p. 30).
O que é que o Mercadinho tem	Retrato	“Na porta da farmácia um pastor prega a salvação. Em frente à mercearia um homem fala para quem passa sobre a qualidade da alimentação. Na carroça o vendedor de laranjas proclama com um grito a promoção de dez por um real. Parece um aviso de que a feira chegou ao ápice, ao pico de vendas, que logo vai passar” (WALLYSON, 2013, p. 42).
Marcas do Tempo: quem vive na Vila João XXIII?	Depoimento/ Retrato	“Maria faz uma pausa, processando as tristes lembranças, mas assegura que são águas passadas. Depois do ocorrido, a Vila passou a ser a sua única casa. Os anos se passavam na Vila e Concita continuava recebendo visitas do seu amado, que a deixou em 1985. Ela se recorda exatamente da data em que se tornou solitária” (FARIAS, 2013, p. 23).
Carpideiras: fé, mistério e devoção	Perfil/ Depoimento	“Lá concentram-se cerca de 40 carpideiras, no mês de abril. Você pode pensar que essas mulheres são exclusivamente de um só credo, mas não. Há católicas, como umbandistas, e até mulheres que não são religiosas, mas que assumem esse papel

		porque cresceram cantando os benditos e as inselências nos velórios e acostumaram-se a passar as noites valorizando o morto” (OLIVEIRA, 2019, p. 19).
Prata da Casa: uma biografia de Neném Bragança	Biografia	“Essa é uma canção que dá sinais de que Neném Bragança só cantava aquilo que ele pudesse colocar como a sua verdade na interpretação. Ou seja, só interpretava o que comunicasse sua própria verdade (ARAÚJO, 2019, p. 29).
À sombra da Gameleira	História/ Depoimento	“As páginas que se seguem são um misto de histórias, memórias e vivências dos moradores mais antigos da velha Gameleira (também dos mais jovens) que encararam a nova vida neste pedaço de chão do Estado do Maranhão” (SILVA, 2021, p. 14).

Ressalto que, assim como Lima (2009), não tive a pretensão de criar classificações definitivas ou únicas. Por mais que existam traços mais fortes de um ou outro tipo, os livros-reportagem deste estudo conseguem mesclar com eficiência alguns formatos, chegando a apresentar dois ou três tipos mais evidentes. Em alguns momentos, a narrativa tende mais para o caráter histórico-jornalístico, enquanto, em outros, a um retrato mais descritivo ou à recuperação dos fatos por meio de depoimentos. Ou seja, essa classificação está muito mais direcionada a facilitar o modo como os temas foram abordados nos livros-reportagem do que a uma nomenclatura fechada. Feita esta apresentação inicial das obras, podemos seguir para a análise mais detalhada, com exemplos e relação direta com as categorias abstraídas com base na revisão de literatura exposta no capítulo anterior.

## **2.2 As características dos livros-reportagem de alunos escritores da UFMA**

Para que um livro se torne um produto jornalístico é necessário que ele siga alguns caminhos capazes de garantir a veracidade das informações, de modo que não se torne uma obra de ficção. Portanto, antes mesmo de serem jornalistas diplomados, os alunos que decidem escrever um livro-reportagem são desafiados a construir sua obra com o rigor que a profissão exige, para que consigam entregar, ao final do prazo, um produto fruto de apuração contextualizada, equilíbrio de fontes, recuperação de memória e, sobretudo, humanização. Assim sendo, nas próximas páginas descobriremos se os livros-reportagem analisados possuem essas características e como elas se apresentam nas obras.

### 2.2.1 A vivência em campo e a contextualização: pontos de partida

Ir a campo não é uma estratégia no sentido “ver para crer”, e sim uma forma de se aproximar dos fatos, sentir o ambiente, perceber as reações dos personagens envolvidos. Em alguns casos, significa questionar e procurar por detalhes que possam ter passado despercebidos por olhos não treinados. Em outros, é uma maneira de se colocar nos cenários que constituem a história, compreendendo melhor os personagens.

Mesmo quando o aluno escritor não pode estar no ambiente por uma questão de distanciamento histórico, é possível reconstituir o passado com vivacidade, seja por livros de memórias ou mesmo relatos orais detalhados e visuais. De todo modo, ao começar a apuração, o repórter amplia o próprio entendimento para a fase de contextualização com o material documental. O que pode resultar em abordagens construídas com sensibilidade, transparência e, como todo jornalismo deve ter, confiabilidade.

Dentre os livros-reportagem analisados, é notável o esforço dos alunos escritores em vivenciar os ambientes que tenham conexão com o tema abordado, mergulhar no presente quando isto é possível. Para as obras que têm como predominância o tipo retrato, essa experiência em campo torna-se ainda mais fundamental, tendo em vista que os alunos escritores, na função de repórteres, precisam captar todos os aspectos possíveis, garantindo assim uma descrição fidedigna em suas obras. Essa característica é muito presente no título *O que é que o Mercadinho tem*, que apresenta parágrafos bastante detalhistas, desde a estrutura física até a personalidade das pessoas que fazem parte do cotidiano da feira.

O cheiro gelado de verdura estragada se mistura ao do chorume deixado pelo caminhão do lixo, que acabara de passar, abandonando marcas molhadas no asfalto. Na Rua Benedito Leite, os faróis altos de poucos carros passam em alta velocidade. Um homem dorme deitado sobre papelões numa calçada e parece não se incomodar com nada disso. Cachorros e gatos desconfiados pelas vielas escuras. (WALLYSON, 2013, p. 35)

Em *Marcas do Tempo*, Farias (2018) inclui muitas cenas da rotina na Vila João XXIII, possibilitando uma imersão e aproximação dos leitores com a realidade expressa no livro-reportagem. A instituição de caridade é coberta por preconceitos por ser um local de acolhimento para pessoas com hanseníase e outras enfermidades.

Portanto, essa representação minuciosa do espaço e das pessoas que estão ali ajuda a diminuir o muro entre realidades tão distintas.

Mais à frente, ao olhar para a esquerda, três senhores sentados, um numa cadeira de rodas e os outros em um banquinho feito de madeira. Parecem bem confortáveis com a situação. À direita, uma senhora com braços rápidos dando velocidade às duas rodas da cadeira que se movimenta até sumir no interior do corredor. Ao centro, uma simples igreja posicionada entre duas plantações de Ixora-Rei, uma planta típica de lugares quentes, que quando floresce, revela buquês de flores vermelhas, dependendo do tipo. As portas fechadas indicam que naquele local muita gente já passou. Olhando para o céu, uma cruz de madeira posicionada um pouco à esquerda, no ápice da estrutura. As antigas janelas da igreja são de formato bem atrativo, assemelhando-se a um lápis geométrico. Um triângulo em cima e o retângulo logo abaixo. A porta obedece o mesmo formato, só um pouco maior e largo. (FARIAS, 2018, p. 20)

Da mesma forma, em *A resistência do Império imaginário*, Negramaro (2013) utiliza a técnica da vivência para ir além do que já conhecia a respeito da Festa do Divino Espírito Santo. Ainda que, anteriormente à sua visita, ele tenha estudado uma grande quantidade de conteúdo documental sobre a celebração, foi somente em campo que ele pôde compreender o que ela realmente significava para a cultura do povo de Alcântara e, também, para o mundo.

A caixa feita de metal e couro é pesada, o calor é escaldante e nenhuma dessas caixas aparentava ter menos de 60 anos, mas elas não podem parar, são a linha de frente do Divino, fazem a abertura e purificação do caminho a ser percorrido. Elas passam por nós em passo lento como quem escolhe onde pisa por conta da irregularidade das pedras que calçam o chão. Meu olhar se inclina ladeira abaixo, tentando perceber a multidão que se forma no Porto do Jacaré. Vejo o aglomerado de pessoas, uma massa humana em vermelho e branco vindo em minha direção, como soldados em uma marcha ensaiada, impetuosos em seu objetivo. (NEGRAMARO, 2013, p. 24)

Ao passo que a vivência em campo contribui bastante para a compreensão dos fatos, o que fazer quando o espaço físico não existe mais? Esse foi um dos primeiros desafios enfrentados por Brito (2011), quando a aluna escritora visitou as instalações do prédio onde a Rádio Imperatriz começou. À época em que o livro-reportagem foi escrito, o primeiro local em que a emissora funcionava estava sendo usado para outro fim. Portanto, para reconstituir visualmente o espaço, ao entrevistar um ex-operador da rádio, a repórter pede que ele faça um desenho detalhado, indicando como era a divisão de cômodos. Este artifício resultou em algo parecido com uma planta baixa, uma maneira de vivenciar o espaço por meio da memória visual de quem viveu os fatos, desenho compartilhado com os leitores na página 31 da obra.

Falar é fácil, o difícil é desenhar. Em uma folha de papel A4, Juscelino começou a traçar as primeiras linhas. Inicialmente quatro retas e se formou um retângulo: é a recepção. Nela existiam bancos de madeira para os visitantes se acomodarem, quadros nas paredes, jarros com plantas, uma caixa de som para monitorar o andamento da programação [...] Outras retas traçadas e se formou no papel o Departamento de Jornalismo e Esporte, a primeira sala após a recepção. [...] Um breve silêncio e ouço apenas o som da caneta deslizando sobre o papel. É Juscelino tentando completar o desenho:  
 — Já criei a discoteca, criei a sala de gravação, aqui era a sala do Moacyr, aqui é exatamente o corredor, todo esse ambiente. Os estúdios, que eram o limite da rádio, terminavam aqui. (BRITO, 2011, p. 30)

Um outro aspecto que pode desafiar os alunos escritores nessa fase da apuração é a impossibilidade de ir a campo. Isso ocorreu no livro *À sombra da gameleira*, escrito durante o auge da pandemia do Covid-19, no qual Silva (2021) precisou adaptar sua vivência para o acompanhamento dos fatos longe do espaço físico, mais precisamente no ambiente da internet. Quando o cantor e compositor Cruz Gago, um dos personagens mais relevantes do livro, faleceu em decorrência da infecção pelo novo coronavírus, só havia uma forma de presenciar e sentir o impacto desse fato: observar as redes sociais.

Nas redes sociais, artistas como os cantores sertanejos César Menotti prestaram suas homenagens: “Obrigado Cruz Gago, você através de sua obra ajudou em muito a nossa carreira. Vá em paz.” Amigos e conhecidos também usaram as redes, como Whatsapp e Instagram, para falar sobre o cantor e compositor. “Quantas lembranças meus amigos... lembro bem quando você estava compondo esta música e cantava no La Rocque às sextas-feiras. Nosso último encontro no Cumarú quando você disse: Esta é para minha amiga de infância... Deus te receba em festa”, publicou Valdirene Brito em seu perfil, texto que foi acompanhado por um vídeo de Cruz Gago cantando em um estúdio de gravação. (SILVA, 2021, p. 158)

Ter a experiência de ir pessoalmente aos lugares onde os fatos aconteceram aguça a percepção do aluno escritor e permite que ele observe os acontecimentos com amplitude de ângulos e, como no caso do livro-reportagem escrito durante a pandemia, a atenção precisa ser redobrada. Entretanto, como Belo (2013) alertou, não basta ver, tocar e ouvir, é preciso conectar tudo isso com coerência e garantir que o material capturado faça sentido para o desdobramento dos acontecimentos. Por isso, a vivência é apenas o início (ou meio) da apuração. Para que a união dos fatos seja coerente, aquilo que foi percebido pelos sentidos e vivenciado, precisa encontrar fundamentos e direcionar à compreensão dos fatos.

No início, pode parecer uma colcha de retalhos a se costurar. Receios e incertezas sobre que caminhos seguir surgem, como Cunha (2011, p. 129) expõe em

um trecho do seu livro sobre a dificuldade que vivenciou nessa fase: “Sem contar com o volume de material impresso e gravações. Tive que ter muito cuidado para não fugir do foco. Textos e obras foram lidos e relidos, era uma garimpagem minuciosa [...]”. Entretanto, no decorrer do livro-reportagem *Palco Iluminado* a aluna escritora conseguiu fazer isso bem. Em vários momentos, cruzou as informações que recebia de entrevistados com fontes documentais, para garantir a veracidade do que foi dito.

Como no exemplo a seguir, no qual, com a missão de resgatar como se davam as encenações com temática cristã na Escola Santa Teresinha, uma das primeiras manifestações do teatro em Imperatriz, ela combina um trecho do livro escrito por Maria José de Sampaio Moreira (Zequinha Maria), com a complementação do relato oral de Izabel Moreira Ribeiro. A intenção é transportar o leitor para o passado.

“Aos sábados acontecia um movimento cultural. Os alunos declamavam poesias e encenavam diálogos de sua autoria. A irmã Hilda, minha dedicada falecida, e a Filomena organizavam com a juventude dramas emocionantes, de enredos religiosos, sociais e pastorais com o enredo da história da humanidade” [...]

— O figurino era conforme as apresentações, assim como tem nas novelas. Eu achava interessante como elas [freiras] inventavam, naquele tempo, roupas condizentes com a apresentação. Até o sapato se fosse diferente mandavam o sapateiro fazer. Tudo muito organizado! (CUNHA, 2012, p. 17-18)

Em uma biografia, essa contextualização dos dados apurados também se faz presente. Ao construir um recorte sobre Neném Bragança, Araújo (2019) precisou destrinchar vários aspectos da vida e obra de seu personagem. Portanto, para abordar temas relacionados à carreira, em alguns momentos era necessário situar o leitor no contexto cultural do período vivido pelo cantor. Por exemplo, compreender como o movimento artístico em Imperatriz foi bastante fervilhante no passado, na época das edições do Faber.

Era quase uma semana de festival, se somados os dias das prévias. 24h de convivência, isolados do centro da cidade, o rio Tocantins ao fundo, o artista chega e não quer mais ir embora. Amelinha desce do palco e é atraída pela energia das pessoas, não tem assédio de fãs, todo mundo agindo naturalmente. Aí está o ponto alto de Neném, que foi um grande embaixador desse festival (ARAÚJO, 2019, p. 82)

O mesmo ocorreu em *A resistência do Império imaginário*, quando, ao visitar uma das igrejas da cidade de Alcântara (MA), o aluno escritor liga aquilo que seus sentidos perceberam em relação à arquitetura ao que ela representa para os

acontecimentos que se desenrolaram ali. Assim, o retrato deixa o campo da descrição e imaginação apenas e se torna um elemento de tradução da realidade, filtrado pelo conhecimento cultural e sensibilidade do repórter.

Quando saio da ruína, sigo em frente alguns metros e chego à Praça do Galo, cheia de gente, a maioria já alcoolizada, ocupando o gramado. Aqui há um prediozinho branco com a representação de um galo em seu teto. É a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que começou a ser construída em 1780, mas só foi benzida em 1803, quando recebeu as imagens da santa, de São Benedito, São Cosme e Damião, dentre outros.

Os nobres da época frequentavam a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, mas seus escravos não podiam entrar, então os pretos construíram esta para poder também cultuar os santos católicos. Aqui, em tempos de escravidão, as missas iniciavam depois e terminavam antes das realizadas na Igreja do Carmo, pois os escravos vinham para cá somente depois de deixar seus senhores na missa dos brancos e tinham de voltar antes do fim. (NEGRAMARO, 2013, p. 71-72)

Com todos os exemplos citados até aqui fica evidente o modo como os alunos escritores se esforçaram para realizar uma apuração aprofundada. Em alguns livros-reportagem a técnica da vivência produz um efeito mais descritivo de ambientes e personagens no produto textual das obras, transportando o leitor para determinados ambientes pela habilidade de reconstituição visual da memória. Em outros, a comparação com os materiais documentais ajudam a confirmar os dados apurados em campo.

Ao observamos cada carpideira caxiense podemos descrever com exatidão o estilo e o semblante particular. É possível perceber no olhar e ao escutar as histórias pessoais, a importância de suas origens, cultura e fé. Assim, nesse contexto em que as histórias delas se cruzam pelo mesmo propósito, iniciamos nossa jornada. (SOUSA, 2019, p. 36)

O trecho acima, retirado do livro sobre as carpideiras, evidencia o modo como o tempo para prestar atenção em espaços mas, principalmente, nas pessoas, contribui, entre outros fatores, para desenvolver a sensibilidade do repórter. Este traço está presente em todas as obras analisadas.

### **2.2.2 Da memória individual à construção da memória coletiva**

Quando começamos a nos perceber como indivíduos, não basta olhar a certidão de nascimento, questionamos e procuramos por nossas origens. Curiosidades e lembranças da infância e da própria vida daqueles que nos



antecederam levam a uma melhor compreensão de quem somos. Do mesmo modo, para preencher os espaços vazios deixados pela história que já foi registrada, é preciso ouvir e considerar as memórias de quem presenciou os acontecimentos ou viveu na época retratada. Brito (2011) entendeu bem a importância deste exercício.

Olhar para o passado, tendo como lugar de fala o presente, traz à tona episódios da história da Rádio Imperatriz com seus protagonistas, atuações e momentos marcantes. Memórias traduzidas em palavras, silêncios, emoções e reflexões. (BRITO, 2011, p. 140)

Essas recordações, ainda que subjetivas, são fontes poderosas de fortalecimento e construção da memória coletiva. São elas que aproximam o leitor do presente à realidade de outrora, que garantem a identificação, a compreensão do tempo atual em relação aos desdobramentos do passado e que podem perpetuar a realidade de uma cultura, de um período ou de um povo.

O livro-reportagem carrega essa missão como forma de não apenas explicar e tornar conhecida uma temática, mas também de não permitir que certas realidades sejam relegadas ao esquecimento. Por exemplo, quando Oliveira (2019) decide relatar a história das carpideiras de Caxias (MA), ela trabalha para que a tradição destas senhoras não se perca com o tempo, pois há ali um registro de quem elas são e, principalmente, da importância que elas têm na vida dos caxienses.

Assim, metido, como ele mesmo se caracteriza, Leonardo aprendeu as rezas, os dizeres, o canto e o respeito às coisas de Deus com elas, as rezadeiras. Em nossa conversa, ele relembra de Dona Maria Cilira, uma das rezadeiras, que todo mês de maio costumava fazer rezas em sua casa. E como ficava perto de onde morava, ele conseguia dar umas fugidas da sua residência para participar. “Quando dava sete horas da noite eu ia para casa dela, me sentava em uma cadeira e ficava escutando. Lá eram aquelas rezas antigas, as inselências não tinham, porque não era velório, mas tinha os benditos, o terço cantado. E assim fui crescendo e aprendendo sobre esses costumes e tradições”, descreve Leo. (OLIVEIRA, 2019, p. 31)

Em *Ondas da Memória* as recordações do jornalista Conor Farias retratam a emoção de quem presenciou o fim da ditadura militar, em 1985, e pôde participar de um momento histórico três anos depois, quando a Constituição Federal foi promulgada.

A emissora acompanhou, em 1988, a promulgação da Constituição Federal, pela cobertura jornalística do então repórter Conor Farias, que trabalhava na TV Educativa (TVE) e na Rádio Imperatriz. Ele foi como jornalista da TVE, mas fez algumas participações, direto de Brasília, por telefone e enviou resumos sobre o que estava acontecendo para a Rádio Imperatriz:

— O assunto foi sobre a garantia dos direitos constitucionais, que a partir daquele momento o brasileiro tinha o direito das leis brasileiras. O deputado Ulysses Guimarães tinha promulgado a carta magna do país. Eu senti, assim, empolgado, aquela emoção de falar, de levar a notícia de Brasília para Imperatriz. Senti uma responsabilidade grande, me senti bastante realizado. Foi um momento bom. (BRITO, 2011, p. 93-94)

Para ilustrar as dificuldades de se fazer teatro amador na cidade, Cunha (2012) utiliza as memórias do jornalista e diretor Gilberto Freire.

Uma das dificuldades enfrentadas pelo grupo era a escolha coletiva do figurino. Em certo instante, Gilberto mergulha em suas memórias e traz o resgate de suas lembranças com risos. Chego a compartilhar do mesmo sentimento de alegria, mas não pelo mesmo motivo do diretor. Na verdade, a sua sinceridade quanto à concepção do figurino me deixou maravilhada.

— Tínhamos problemas muito sérios. Tudo na verdade terminava sendo um problema! A pior coisa era o figurino. Sempre achei problemático o figurino. A gente discutia entre os atores e inventava alguma coisa, mas eu sempre achei muito feio. O do *O Espírito da Coysa* eu achei o mais intrigante. (CUNHA, 2012, p. 33)

No caso de *Marcas do Tempo*, a intenção era elucidar preconceitos e trazer à tona o doloroso abandono de pessoas com hanseníase. As situações vividas pelos pacientes que moram na Vila João XXIII levam à reflexão de como a sociedade se mantém ignorante e alheia à evolução da ciência. A doença possui uma fase infecciosa, mas já existe tratamento e cura, sendo injustificável o isolamento perpétuo dos enfermos.

[...] Essa repulsa e rigor social da época causaram irritação à Maria, que certo dia saiu da sua residência em João Lisboa, na tentativa de lavar roupa suja, já que seu marido chegava imundo da roça. Havia um brejo no fundo do quintal, e as vizinhas das proximidades o compartilhavam para esse tipo de necessidade. Com uma pequena trouxa de roupa, Concita, ainda bem jovem na época, sentou na beira do riacho. Mas não deu tempo nem de molhar um pedaço de pano, para a sua infelicidade.

Uma vizinha se aproximou, mas nem tanto, e disse à Maria que ela não poderia lavar roupa naquele local, porque sua doença pegava pelo vento. Foi tomada de raiva e tristeza. Levantou, juntou as poucas mudas de roupas e não perdeu a chance de retrucar:

— Como é que minha doença pega no vento? Se fosse assim todo mundo era doente!

A cada palavra dita o tom de voz aumentava. Maria lembra como se fosse hoje. Dizer tudo aquilo não surtiu efeito na mulher, que foi dominada pelo preconceito.

— Eu disse a ela que o brejo não era dela e ninguém sovinava água. Voltei com minha roupa sem lavar, me zanguei e fui lavar minha roupa em outro brejo. (FARIAS, 2018, p. 22)

As recordações também podem ser usadas para trazer novas perspectivas sobre o que ocorreu no passado. A versão mais conhecida sobre a fundação da cidade

de João Lisboa, por exemplo, é a chegada de Joaquim Alves da Silva. Ele teria construído o primeiro barraco à sombra de uma gameleira, dando início ao povoado e recebendo a alcunha de Joaquim Gameleira. Entretanto, há quem discorde, e são as memórias de Josina Barbosa dos Santos que mostram um outro ponto de vista para essa história.

— Era uma veredinha, assim, que tinha no rio pra gente atravessar – relembra dona Josina – Não bote outro nome. Povo não sabe das coisas e fala besteira. Quando o Gameleira chegou aqui, o Rufino já tinha situado tudo isso aqui mais o Manoel Felix Siriqueira, sogro dele. Aí depois que o véi veio e foi pro rumo do Centro dos Carlos.

Ela deixa claro sua versão de que Joaquim Alves da Silva, também conhecido popularmente como Joaquim Gameleira, que ganhou esse nome por ter construído um barraco à sombra da árvore pioneira e a quem é atribuído, por alguns, a fundação do povoado, não foi o primeiro a chegar nessas terras. Esses pontos permanecem conflitantes. Há quem diga que foi Joaquim, outros Rufino.

— Cansei de perguntar pra ele: “Rufino, quando foi que tu se situou aqui?” Ele respondia que foi em [19]34 – afirmou, com ênfase, dona Josina. (SILVA, 2011, p. 15)

Em *O que é que o Mercadinho tem* somos transportados para o passado, na época em que se iniciaram as obras de construção da BR-010, rodovia federal que atravessa a cidade.

Marlene de Jesus Sousa viu a feira nascer em seus braços, com uma enxada em punho, e crescer ao seu redor. Chegou aqui em 1958, aos oito anos de idade, acompanhada da mãe e mais oito irmãos. Na época, os pais se separaram e uma tia já havia se mudado para Imperatriz desde o anúncio da construção da BR-010. O local foi destino certo com a promessa de começar uma nova vida.

— Isso aqui era uma roça de panhar arroz. A cidade só era da Praça de Fátima pra lá. Mas isso era um barro tão grande antes dos bloquetes chegarem. Esse pedaço aqui era tudo mato. Aí nós *rocemo* e *comecemo* a plantar o que dava. Aí depois ia vender lá no Porto da Balsa. Só que foi chegando tanta gente que as vendas começaram a ser feitas aqui mesmo.

Enconstada no poste, dona Marlene vai ficando com o olhar distante e descreve as barracas de patís com certo saudosismo. Construídas com palha das próprias palmeiras que existiam ali perto, aumentaram de número rapidamente. Ela começou a usá-las em 1967. (WALLYSON, 2013, p. 51-52)

E quando o objetivo do livro-reportagem é biografar alguém, as lembranças de quem conviveu com essa pessoa são o insumo necessário para construir o seu perfil. Ajudam a mostrar as diferentes facetas que ela possuiu e os momentos marcantes, seja da intimidade ou das conquistas públicas. Foi em conversas com o filho de Neném Bragança que Araújo (2019) conseguiu evocar a personalidade do cantor em sua vida privada. Como a curiosidade de que o músico biografado, que era fã de heavy

metal, gênero do rock de 1970 e 1980, tocava MPB e só ouvia as canções de seus amigos.

— Quando tu vê uma pessoa falando dessas bandas mais metal e antigo assim, tu acha que a pessoa vai ter uma aparência diferente ou vai falar diferente e vai ouvir só música daquele estilo. Mas aí ele escutava essas bandas, mas tocava Alceu, que não tem nada a ver. Aí eu ficava: “Como assim?”— relata Niã.

Mas o que Neném gostava com profundo respeito e admiração era de ouvir as músicas dos amigos e compositores da região.

— Eu baixava essas músicas que eu disse, mas acabava que ele ouvia pouco e ia dar valor para os discos que os amigos enviavam para ele escutar. Ele gostava de valorizar esses momentos, pegar as músicas de algum amigo e acabar tocando. Ele valorizava muito a música da região – relembra Niã, com sinais claros de saudade na fala. (ARAÚJO, 2019, p. 45)

Estes são apenas alguns dos recortes dos livros-reportagens estudados que evidenciam a importância de considerar os relatos orais como fontes durante a pesquisa para a produção do livro. Tomando o cuidado de questionar e relacionar as informações colhidas com fontes documentais e registros históricos, as memórias de entrevistados se tornam complementos do que se conhece sobre os fatos abordados e, como Souza e Peixinho (2014) definem, conectam e reconstituem acontecimentos dispersos no passado. Desse modo, sendo um relevante agente que recupera e preserva a memória coletiva.

### **2.2.3 Fontes oficiais, documentais e entrevistados: é possível equilibrar?**

Em busca de uma verdade “absoluta”, por vezes o jornalismo tradicional e periódico credibiliza apenas fontes oficiais e documentais, deixando fora personagens que, se fossem ouvidos, poderiam trazer novos pontos de vista e desdobramentos para o texto informativo. Por outro lado, o texto não deve conter apenas depoimentos de pessoas, o jornalista deve ter criticidade para definir se as fontes ouvidas são coerentes ou não para a narrativa, se são dúbias ou confiáveis. Mas, como Medina (2014) reforça, a identificação do leitor com o tema abordado se dá por meio do interesse na vida comum, pelo reconhecimento de si nos relatos expostos no texto.

Ou seja, os diferentes tipos de fontes não são excludentes, e sim complementares, por isso se faz necessário saber equilibrá-las ao produzir um material jornalístico. Dentre os livros-reportagem desta análise, o título *Ondas da Memória* é o que possui melhor equilíbrio das fontes. Mesmo com dificuldades para encontrar conteúdo documental sobre a emissora de rádio, dentro do que era possível,

a aluna escritora trazia com frequência as informações obtidas com os entrevistados acompanhadas de trechos de registros e documentos da época, conferindo credibilidade à narrativa.

Maria Perpétua Socorro Oliveira Marinho, a Perpétua Marinho, tinha começado a trabalhar na rádio há poucos meses e já se deparava com uma situação extrema.

— A rádio tinha um raio de penetração muito grande na vida das pessoas, nas comunidades mais distantes. Então cadê a rádio? Cadê a notícia? Acho que isso causou uma parada muito brusca na vida das pessoas. Foi um susto muito grande, houve uma tristeza bem acentuada na cidade.

Convém mencionar a incerteza dos ouvintes quanto ao retorno da rádio após o incêndio. Como foi o caso de Raimundo da Marinete:

— Eu já era ouvinte quando a rádio pegou fogo. O povo falou assim: “Será que a Rádio Imperatriz não vai mais para o ar? Tão boa que era...” Quando ela voltou a funcionar aí, pronto, foi outra admiração.

A tragédia foi matéria de destaque do jornal *O Progresso*, que trouxe na capa uma foto do prédio em chamas. O periódico do dia 2 de março de 1983 apresentou, em diferente páginas, matérias, comentários e uma nota da Rádio Imperatriz sobre aquele episódio. (BRITO, 2011, p. 44-45)

Em contrapartida, o livro-reportagem sobre o Mercadinho não possui tantas referências a fontes documentais, sendo majoritariamente pautado em depoimentos. Entretanto, é possível compreender que a abordagem escolhida por Wallyson (2013) foi de fazer um retrato do cotidiano da feira com base em entrevistas e memórias de quem estava ali todos os dias. Ainda assim, em alguns momentos o aluno escritor fez essa conexão da oralidade com a pesquisa documental. Essa articulação ocorre com mais força no capítulo 1, justamente o que relata a história da origem da feira.

Maria conta que em 1977, um ano depois da reforma do novo mercado, foi construído o Mercado Central. Rodeado pelas ruas Rios Grande do Norte, Aquiles Lisboa, Paraíba e Benedito Leite, seria um mercado público, onde não se pagaria nenhuma taxa para trabalhar, contanto que mantivesse o local limpo e organizado. [...]

De acordo com dados da Secretaria de Agricultura do Município, atualmente são cerca de 300 pontos formais e informais de comércio, contando somente com duas quadras onde está localizada a feira. Por dia, pelo menos sete mil pessoas passam por aqui, chegando a pico de 12 mil aos domingos. Cada feirante lucra, em média, 150 reais por dia. São quase 200 armazéns de vendas do setor atacadista. Em torno de dois mil empregos diretos são gerados. (WALLYSON, 2013, p. 21 e 23-24)

*À sombra da gameleira* é, dentre os livros-reportagem analisados, o que possui maior aporte de pesquisa documental. Isso pode ser facilmente explicado pelo objetivo do livro: registrar a história de João Lisboa, que até o momento de publicação da obra possuía pouco material organizado sobre a cidade. Mesmo que existam muitos relatos

orais nesse livro-reportagem, a parte documental é a que se sobressai.

— Uma vez uma amiga chegou para mim e me disse: “Mulher, estão dizendo na rua que você é rapariga” E eu respondi: “Pois é bom saber que o povo daqui é tão bom de gramática para saber que rapariga é o feminino de rapaz – Maria dos Remédios relembrou esse fato rindo – O povo daqui era engraçado. Eu andava de shorts no joelho e a Nita de calça e o povo chamava a gente de rapariga.

Mas de comentários como esse Maria já estava bem acostumada. Quando terminou o seu magistério, em 1966, foi alvo de críticas entre suas primas, que achavam um absurdo uma mulher da família ir trabalhar.

— Você não está passando fome. Não precisa disso – disse uma delas.

Para muitas mulheres naquela época, a única oportunidade de desempenhar um trabalho era na beira do fogão e dentro de casa, cuidando dos filhos. O Censo Demográfico de 1960, feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que na região Nordeste a média era de sete (7,39) filhos por mulher. E eram comuns frases como “Mulher minha não trabalha fora de casa”, além da pouca difusão dos métodos contraceptivos e a pobreza, que deixavam a mulher interiorana vulnerável. Prova disso, a edição do jornal *O Progresso*, nº 53, ano II, do dia 30 de maio de 1971, trouxe uma matéria com o título “Deixou a noiva careca”, que narra com detalhes um caso de uma mulher que teve seu cabelo raspado e a orelha mutilada pelo marido por não ter casado virgem. (SILVA, 2021, p. 41-42)

Esses dois exemplos opostos evidenciam o argumento de Rocha e Xavier (2013), segundo os quais a escolha dos informantes define o tipo de abordagem que um livro-reportagem vai ter. Nesses casos, a obra com apuração mais embasada em depoimentos resultou em um texto mais descritivo quanto aos espaços e situações vividas pelos personagens. Enquanto aquele que tinha a pesquisa documental como guia, teve um teor didático e histórico.

No livro-reportagem *Palco Iluminado*, a aluna escritora utiliza muitas fontes documentais para validar ou refutar informações fornecidas pelos entrevistados. O mesmo ocorre em *Ondas da Memória* e *À sombra da gameleira*. A obra de Cunha traz o tempo todo citações e conexões entre os acontecimentos abordados e o que já foi referendado anteriormente por fontes oficiais ou documentos.

O evento que aconteceu em 1977 trouxe a Imperatriz artistas de várias cidades do Brasil, proporcionando uma esfera de informação com trocas de experiências, como observa Zeca Tocantins.

— Acabamos aprendendo, porque estávamos vendo bons espetáculos e convivendo com pessoas da mesma área. A gente tinha a oportunidade de participar de várias oficinas.

Os resultados da *II Mostra de Teatro Amador do Maranhão* seriam lembrados por muito tempo, e as razões são apontadas no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Elisalva Pereira da Silva. (CUNHA, 2019, p. 44)

Semelhantes à abordagem de *O que é que o Mercadinho tem*, os livros-reportagem *Marcas do Tempo*, *A resistência do Império imaginário* e *Carpideiras* têm uma presença maior de relatos em detrimento de fontes documentais, dando preferência para utilizá-las somente quando necessário, para explicar algum acontecimento específico. Por exemplo, Farias (2018) utiliza a referência de um livro para falar sobre o tratamento da hanseníase: “Manoel exemplifica bem em seu livro o tratamento desses doentes. Ainda hoje alguns desses costumes vigoram: ‘Deixavam o cara dentro de casa e separavam a comida, o prato, a caneca, a tigela dele’.”. A seguir, exemplos dos outros dois títulos.

Segundo informações do Iphan, a Igreja de São Matias foi a primeira construção de pedra e cal de Alcântara, feita pelos Jesuítas, foi durante séculos a principal igreja de Alcântara, ruiu em fins do século XIX devido a um problema no telhado que nunca foi solucionado. (NEGRAMARO, 2013, p. 81)

De acordo com o historiador e folclorista, Câmara Cascudo, em entrevista concedida à jornalista cearense Ana Cecília, que desenvolveu uma pesquisa acerca dessa tradição no Ceará, “aqui, no Brasil, não tiveram as carpideiras profissionais, pois as nossas atuavam de forma gratuita, não precisavam receber nada em troca, diferentemente das carpideiras da Europa”. (OLIVEIRA, 2019, p. 17)

Em uma biografia, o desafio é outro: nem sempre há material documental suficiente, o que exige uma pesquisa minuciosa em lugares que possam suprir a necessidade. Mesmo diante dessa dificuldade, Araújo (2019) conseguiu colher informações sobre Neném Bragança nos periódicos veiculados pelo jornal *O Progresso*.

No jornal *O Progresso*, outro desabafo: “Para gente que faz música é sempre uma alegria ganhar um festival, porque isso traz reconhecimento àqueles que enfrentam condições adversas para difundir seu trabalho. Esse primeiro lugar no festival é importantíssimo para mim, pois este é um dos principais da região. Também tradicional e concorrido, já que competidores de centros mais adiantados participam todos os anos. Espero que agora Imperatriz reconheça meu valor e meu trabalho. Não que eu tenha mágoas da minha gente, mas aquele ditado ‘santo de casa não faz milagre’ ainda está em voga em nossa cidade”, desabafou. (ARAÚJO, 2019, p. 99)

Para exemplificar esse tópico, foi preferível trazer trechos dos livros que mostram que, independente da abordagem escolhida, os alunos escritores entenderam a importância da pesquisa documental para o livro-reportagem que, como um produto jornalístico, precisa ter suas informações verificadas. É válido lembrar, também, que no texto final não estarão presentes a íntegra de todos os entrevistados

ouvidos e todos os documentos acessados. O importante é que, no momento de edição, as informações sejam confrontadas, analisadas e, como Souza e Peixinho (2014) alertam, chegar a um consenso entre os dados apurados, evitando o uso de material que cause dúvida.

#### **2.2.4 Humanização: o jornalismo feito de pessoas para pessoas**

Um dos primeiros ensinamentos no jornalismo é a de que um bom texto jornalístico é claro, objetivo e factual. A constante busca por furos de reportagem, a pressão do *deadline*, as condições da profissão, muitas vezes precárias, fazem com que o jornalista precise abdicar de algumas abordagens na construção de uma notícia. Infelizmente, como resultado disso, presenciamos em alguns casos a esteriotipação, desumanização e falta de ética. São manchetes sensacionalistas, juízo de valor, reforço de preconceitos e discriminação.

Por isso, o ambiente do livro-reportagem propicia ao jornalista a possibilidade de construir suas histórias colocando no centro os protagonistas que as viveram, dando voz àqueles que geralmente são deixados de fora. Afinal, não existem fatos se não houver pessoas envolvidas. Os livros estudados nesta análise possuem essa importante característica. Alguns, como *À sombra da gameleira* (2021) e *Palco Iluminado* (2012) são mais documentais. Outros, como *O que é que o Mercadinho tem* (2013), *A resistência do Império Imaginário* e *Marcas do Tempo* (2018) têm um caráter mais descritivo e baseado em depoimentos.

Mas, ainda que apresentem abordagens diferentes, o ponto de partida é sempre o mesmo: as pessoas. O exemplo a seguir é do momento em que Negramaro (2013) conversa com a caixeira mais antiga de Alcântara que, pela idade avançada, já apresentava sinais de senilidade.

— Eu sou a caixeira mais velha de Alcântara, meu senhor. Eu tenho 86 anos, sou filha de Alcântara. Mas eles (organização da festa) fizeram uma reunião e eu não sou mais a caixeira-mor. Agora tô tocando caixa pra mordoma-régia – revelou a velha senhora em tom de ressentimento. [...]

Escuto as palavras muitas vezes sem sentido de Anica calado, dessa vez não me importo em perguntar, em conduzir minha personagem. Agrada-me simplesmente ouvi-la, até o momento em que ela se cansa, levanta, sacode a poeira na parte de traz do vestido, tira outro cigarro do bolso lateral e se dirige a um grupo vulnerável de italianos efervescidos. (NEGRAMARO, 2013, p. 52-53)



O aluno escritor registra no texto que, momentos antes dessa conversa, foi alertado pelas irmãs da caixeira a não levar em conta as palavras sem sentido que ela proferia. Entretanto, como repórter, ele preferiu conceder a ela a oportunidade de falar por si. De modo semelhante, Cunha (2012) abre caminho para que seu personagem possa expressar a própria vulnerabilidade por meio das emoções.

Em meio à fala trêmula, o ator caracteriza o cenário do teatro de rua, mas no fim se rende com um choro mudo, comovente, que me obrigou a acompanhá-lo com o silêncio. Por um momento chego a interrompê-lo e pergunto se o que se passa em sua mente eram *flashes* de sua vivência. Ele responde que sim e se entrega ao momento. Não me resta mais nada, apenas respeitar seus sentimentos.

— O cenário geralmente se baseava num fundo de palha, umas forquilhas com potes bem comum na época, uma bileira com os copos. As pessoas absorviam muito bem e entendiam tudo e quando terminava o povo estava chorando. Pássavamos bem o sofrimento das pessoas sendo surradas, oprimidas e expulsas de suas terras. Nós fazíamos teatro por amor! Enquanto permaneci em silêncio, eu me perguntava quais eram os motivos que fizeram o destemido Domingos parecer tão frágil naquele instante. Talvez chorasse pela forma “louca” a qual levavam a sério o teatro? Quem sabe fosse por estar vivo e poder contar o enredo de sua trajetória artística? Acaso suas lágrimas seriam a tristeza de não ter seus esforços reconhecidos? Ou até melhor: uma mistura de tudo? (CUNHA, 2012, p. 42-43)

*O que é que o Mercadinho tem* é um dos livros-reportagem deste estudo que mais apresenta características de humanização. O aluno escritor relaciona o tempo todo os acontecimentos da feira com a presença de quem está ali diariamente, como comerciantes e consumidores. Além disso, Wallyson (2013) também faz questão de apresentar, por meio da descrição, as pessoas com quem conversa, além de mostrar um pouco das suas vidas, de modo que o leitor consiga se aproximar destes personagens. Na passagem abaixo, o repórter aborda o descaso de trabalhadores e frequentadores com a limpeza do local, ao mesmo tempo em que torna conhecida a personalidade de Francisca Piauí, uma funcionária da empresa responsável por manter o Mercadinho limpo.

É também o que dá emprego e muito trabalho para pessoas como Francisca Piauí. Ela presta serviço para a empresa que cuida do setor há três anos e conta que no Mercadinho, apesar de ter outros sete colegas cuidando diariamente da higienização do local, é praticamente impossível mantê-lo limpo. Segundo ela, a população que frequenta e que trabalha na feira ainda não se conscientizou de que o lixo causa danos à própria saúde, atrai bichos e espanta clientes.

— Aqui como todo lugar tem seu lado bom e ruim. Eu sou amiga de todos daqui e, além disso, já encontrei muita coisa de valor em meio ao lixo. Celular e até dinheiro. Essa é a parte boa, porque existe muita gente que não respeita o nosso trabalho e já tentaram até me agredir.

Sacudinho uma pá de metal com cabo de madeira ela conclui:  
 — Mas nada que uma pá não resolva.  
 E ri, tirando o boné para ajustá-lo na cabeça.  
 De uniforme verde bandeira, com listras fluorescentes, botas de borracha e luvas de couro, Francisca é uma mulher forte, negra do sorriso aberto. Varrendo os cantos das calçadas e empurrando um carrinho com um tambor de lixo vermelho, ela segue com o trabalho caminhando até sumir ao longe. (WALLYSON, 2013, p. 42-43)

A humanização é percebida também quando o repórter deixa a postura distante de observador imparcial e se aproxima dos acontecimentos, em alguns momentos até participando deles. Como seres humanos, são tocados pela vida dos outros e desse encontro surgem novas possibilidades de abordar os contextos. Por exemplo, enquanto aguardava um entrevistado chegar, Brito fez uma ligação para confirmar a presença e foi surpreendida por um senhor que estava próximo. No trecho a seguir, podemos notar a abertura da aluna-escritora em ouvir alguém que não estava "na lista de fontes". Com isso, ela se permitiu ampliar o universo de sua narrativa e receber a contribuição daquele, até então, desconhecido que esteve presente no dia da inauguração da Rádio Imperatriz.

[...] É quando uma pessoa ao meu lado se manifesta:  
 — Ah! A Rádio Imperatriz, conheci demais.  
 E continua:  
 — O elenco que participava, que vou lembrar aqui, Corró, Roberto, parece que Roberto Guerra que era o nome do cara, Roberto Chaves, Manoel Cecílio, Aldeman... Tinha uma mulher que eu num lembro o nome dela. Foi assim que conheci Edmundo Ramalho. Ele afirma que estava na emissora no dia da inauguração. Chegou ao prédio por volta das 9h e a primeira voz que ouviu foi a de Roberto Chaves. Não tem lembranças de ter havido uma comemoração durante aquele dia.  
 Mas ele recorda que as pessoas estavam todas em casa ouvindo a rádio, querendo saber da novidade, porque, segundo ele, antes só "tinha os carros de som e as bocas falantes no pau alto". (BRITO, 2011, p. 120-121)

Outro exemplo semelhante a este pode ser encontrado no livro-reportagem *A resistência do Império imaginário*, no qual o aluno escritor se deslocou até à Ilha do Livramento, em Alcântara, para conhecer uma personagem que não tinha conexão com a Festa do Divino, mas que era importante para a cultura local. Nesta passagem, Negramaro expõe suas emoções após o encontro.

No final, já quase sem a luz do sol, nos olha com olhos gratos, não por termos feito qualquer coisa de extraordinária por ela, mas por ter apenas parado e ouvido. Junta novamente as mãos, como no início, se ajoelha e beija o chão em agradecimento, erguendo depois o rosto cheio de areia e levantando as mãos para nos abençoar, arrancando de mim um misto de sensações boas, não tão boas, e calafrios que me percorriam a espinha:

— Que a benção do divino mestre virada para o leste acompanhe vocês. No regresso para Alcântara em um barquinho amarelo a motor, não sei ao certo quais sensações estou tendo, mas com a certeza de que Alcântara tem muito para ser descoberto. (NEGRAMARO, 2013, p. 78)

Em *Prata da casa*, a humanização garante que não aconteça o que Vilas Boas (2002) chama de extraordinariedade, ou seja, Neném Bragança não é apresentado como alguém perfeito, mas pode ser conhecido também pelas suas fraquezas e até defeitos. Numa biografia, esse olhar sensível sobre o outro também evita que se construa uma caricatura ou ridicularização do personagem principal. No caso da escrita por Araújo (2019), ouvir os amigos e a família foi o que permitiu que a história dessa figura icônica fosse contada.

O jornalista e amigo Domingos Cezar confirma o que Niã dissera a respeito de Neném ser uma pessoa fechada e mais calada.  
 — O Neném sempre foi um cara muito trancado, ele não era de falar muito, ele era tímido a vida toda – afirma Domingos.  
 Mas tudo se transformava quando ele subia no palco.  
 — Ele só se desinibia quando estava no palco, se transformava, ele virava o Zé Tele. Mas fora isso, em rodas de conversa, ele era um cara tranquilo, na dele. Escutava muito, preferia ouvir do que conversar, muito na dele. Então foi assim com a gente, com a família dele e assim ele foi indo. (ARAÚJO, 2019, p. 50)

Outra forma de garantir um texto humanizado é preservar os regionalismos na fala dos entrevistados durante a edição do material. Isso porque essa característica faz parte da pessoa e, quando se trata de língua falada, não há certo ou errado. No livro *Carpideiras*, Oliveira (2019) fez questão de trazer essas marcas da oralidade para o texto escrito. Ao ler o destaque a seguir é possível até imaginar Eva Moraes contando como foi sua primeira viagem de avião, quando foram convidadas a participar da novela *Velho Chico*, da Rede Globo.

Eva Moraes, envergonhada, lembra dessa experiência: “Minha filha, me deu um nervoso na hora de subir naquele negócio tão grande, mas entrei. Chegando lá eu já entrei dizendo: ‘Não me bote na janela não, quero nem vê a altura que nós vamos ficar. E assim, ligeiro, nós chegamos’”. (OLIVEIRA, 2019, p. 55)

No trecho abaixo, de *À sombra da gameleira*, também percebemos esse mesmo aspecto.

Sua esposa, dona Francisca, ainda mantém viva na memória o amor pelo esposo que cultivou durante todos os momentos em que estiveram juntos.

Para ela, Zuza foi alguém especial, como bem afirmou:

— Eu lembro dele demais. Ele *era* bom pra mim. Mas é ruim oh, a gente gostar da pessoa, ligada àquela pessoa toda vida. Pra onde nós *ia*, era nós dois. Não tem nenhuma foto aqui dele só. Ele era bom, um marido bom. (SILVA, 2021, p. 92)

Mas é em *O que é que o Mercadinho tem* que o regionalismo se sobressai como um componente relevante para a compreensão daquele lugar, a seguir dois exemplos.

— Mas a gente sempre faz um agrado. Bota o litro de feijão verde e uma mão cheia pra pessoa sair satisfeita. Ou então dá uma pimentinha de cheiro pra fazer uma graça. Aqui a gente nem termina de arrumar tudo e o povo continua chegando e comprando. Glória a Deus, né meu filho? Vou vendendo e fazendo negócio. Quem vem cedo às vezes pega mais barato, às vezes pega mais caro. A inflação é de acordo como está a venda. É que nem o ponto. Eu tenho três, tudo um perto do outro. Aí se algum deles não tiver vendendo, já mudo pra outro lugar. Se lá tiver fazendo sol demais, mudo também, que eu não sou fi d'uma égua. (WALLYSON, p. 38, 2013)

— Dona Antônia, mulher, me dê aí dois frangos.

— Vixe mulher, e tu tem é visita hoje pra fazer tanta comida?

— Parente fia, parente... vou tacar tudo dentro do arroz e fazer uma galinhada, que eu não tô pôde, eu tô é a cara da riqueza! (WALLYSON, p. 57, 2013)

O livro-reportagem muitas vezes aborda temas difíceis, realidades dolorosas e tabus sociais, por isso, é essencial que seu texto tenha uma estrutura menos rígida e mais leve, como herança da literatura. Portanto, um aspecto muito importante da humanização é não estereotipar os personagens, para garantir que os preconceitos sobre eles não sejam reforçados, pelo contrário. No livro *Marcas do tempo* há um capítulo inteiro dedicado à Maria Bonita, paciente que reside há mais de 30 anos na Vila João XXIII. Ela está presente em outras partes da obra, mas, depois de anos de abandono e rejeição, é neste momento que ela pôde ser a protagonista da própria história.

Quando está de bom humor, além de ler histórias e cantarolar músicas, costuma falar da sua vida. Com um certo esforço, até, pois ela é retraída. Desconfiada, solta de repente:

— Isso aqui começou num resguardo de um menino, quando eu fui trabalhar na roça - revela, apontando para o pé doente. — Com dois meses de parida eu fui para roça trabalhar. Começou adormecendo o pé — relembra. Enquanto resgata a memória, a boca permanece semiaberta, à procura das palavras certas. O esmalte dos dentes já ganhou outra cor, amarelo, puxando para o marrom.

— Meu chinelo ficava para trás e minha filha perguntava: “Mãe cadê o chinelo da senhora?” Aí eu dizia: “Tá no meu pé”. “Não, pois a senhora deixou ela bem aculá”. Daí eu voltava e ia pegar.

Maria lembra exatamente do seu diálogo com a filha que nunca mais viu.

Isso aconteceu no interior de Goiás, onde passava apenas uma temporada. A dona, depois do ocorrido, acabou indo para Axixá, no Tocantins. Essa parte da história ajuda a entender sua paixão pela dança.

— A gente estava em uma festa do falecido velho Agripino. Me perguntaram: “Tu vai dançar?” E eu disse: “Vou!” Minha irmã falou: “Vai, besta, tu não sabe se vai dançar mais outra vez! Dance essa festa”.

Sem pensar muito, foi lá e dançou. Desde essa época nunca se divertiu como naquele dia. Mal ela sabia.

— Minha história é comprida. Dá um romance – brinca Maria Bonita. (FARIAS, 2018, p. 61)

É importante ressaltar que a humanização transcende o texto escrito. Como Ijuim (2012) explica, ela começa na pauta, quando o repórter abre mão de ideias pré-concebidas e se permite conhecer o outro, está presente na apuração e na condução das entrevistas e, por fim, permeia o texto com sensibilidade, respeito e valorização dos personagens. Construir uma narrativa humanizada é dar vazão para as particularidades de cada participante dos fatos, é tomar como relevantes suas percepções, suas emoções, é colocar-se na posição de igual, disposto a ouvir e conhecer.

### **2.3 Biografia: uma análise à parte**

Como foi abordado no capítulo 1, a biografia possui direcionamento específico para a sua elaboração. Vilas Boas (2006) aconselha a evitar, por exemplo, a determinância dos fatores familiares em relação ao caráter e personalidade do biografado, não colocar o personagem como um ser humano acima de qualquer dificuldade (fatalismo), ou como um herói perfeito (extraordinariedade), além de entender que não há verdade absoluta quando se propõe a contar a vida de alguém. Nos pontos a serem seguidos, segundo o autor, o jornalista-biógrafo deve ser transparente quanto aos seus processos e ter liberdade de construir a biografia sem um tempo cronológico bem definido, com a sequência engessadora de início, meio e fim.

Neste último item de análise pretende-se verificar, com fragmentos do livro escrito por Araújo (2019), de que maneira ele aplicou as provocações de Vilas Boas em sua obra. O primeiro ponto percebido é o tempo: o aluno escritor optou por iniciar o livro pelas horas que antecederam a morte de Neném Bragança. Desse modo, inverte a lógica natural e começa a biografia do cantor e compositor pelo fim da sua existência carnal, logo no texto de abertura do primeiro capítulo.

Era 15 de janeiro de 2015. Do Socorrão, Neném Bragança foi transferido para o Hospital das Clínicas, na esquina da rua Piauí com a Luís Domingues.  
 — Meu filho, você está muito cansado, vá descansar — orientou a mãe.  
 De manhã, a primeira notícia que receberia era a morte de seu pai. (ARAÚJO, 2019, p.18)

No decorrer da obra é perceptível que não houve a intenção de contar a vida de Neném Bragança de modo linear, mas, dividir os capítulos por marcos da vida do biografado. Enquanto um deles se dedica a registrar a personalidade do artista, outro abre espaço para relatar todos os detalhes dos festivais nos quais o cantor participou, e assim por diante. Mais uma vez, com essa estratégia, Gustavo Araújo foge da tentação de encaixar uma vida em um suposto fluxo linear, crescente, para ressaltar o caráter fragmentado de uma existência, como estimula Vilas Boas (2006).

As relações familiares dão o tom da vida privada do protagonista. Por meio delas é possível conhecer o Neném Bragança como pai, esposo e filho e como era a sua personalidade fora dos palcos.

A convivência dos dois era amistosa, mas ao mesmo tempo não tinham um tempo só deles. Neném trabalhava na noite e coincidia com o horário que Niã estava em casa. Nunca chegaram a se desentender. As cobranças das lições escolares ficavam para Carmen e essa sim, não aliviava. A única coisa que Niã não gostava na personalidade do pai era o fato dele ser muito fechado, não falar muito. (ARAÚJO, 2019, p. 41)

Em outro trecho, um pouco mais da personalidade do cantor transparece por meio da relação com a esposa, destacando o seu lado romântico, mas sem deixar de mencionar os seus defeitos. Assim, evita-se o vício comum da biografia, alertado por Vilas Boas (2002), de conferir um caráter de excepcionalidade ao personagem.

Carmen tinha 27 anos quando conheceu Neném, dez a menos que ele. Mulher independente, tinha facilidade de lidar com pessoas, viu naquele artista franzino e desimpedido, o gosto pela música, o tratamento respeitador de homem, sem contar o aprendizado que tinham um com o outro. Foi o tempero que fizeram os dois se apaixonarem.  
 Neném era um homem romântico. Adorava cozinhar para a namorada. Houve um episódio em que Carmen mencionou, sem pretensão alguma, que gostou de uma carne de porco que comera na casa de alguém.  
 — Eu não gosto de carne de porco. Só comentei que comi uma carne bem temperada. No outro dia, Neném preparou um prato com porco para mim. Ele tinha essa atenção. Em Porto Franco, comentei que também gostava de acerola e um tempinho depois ele me aparece com uma acerola gigante. [...] Mesmo sendo atencioso e romântico, Neném não escondia seu lado machista. Não gostava, por exemplo, que Carmen se envolvesse nesse meio por temer perdê-la.  
 — Me dizia que esse universo artístico não era para mim. Queria ser o homem que bancava as coisas. — relembra Carmen. (ARAÚJO, 2019, p. 52-53)

Para driblar o ímpeto de colocar a obra de Neném Bragança acima de sua essência, outro alerta de Vilas Boas (2006), o aluno escritor conversou com muitos amigos e colegas de profissão. Colheu, desta forma, alguns relatos curiosos sobre a dificuldade que o cantor tinha de se relacionar romanticamente e também como ele era uma pessoa desapegada de bens materiais.

Celím sempre foi muito versátil dentro do universo da comunicação. Já foi repórter de rádio, apresentador e locutor. Tem uma voz potente e grave. No campo das artes foi compositor, músico, palhaço, escritor. Por ser bastante comunicativo e expressivo, atraía o olhar das jovens moças. Ser considerado amigo de Celím Galhães era motivo de status.

Neném Bragança representava justamente o contrário de tudo isso. Extremamente tímido e muito quieto, na dele. Neném tinha uma paixão pela Bete, dona de uma peixaria na época. Uma moça lindíssima. Celím conta que o amigo ficava pedindo conselhos amorosos e dicas de como chegar na pretendente, já que não tinha a mínima ideia de como fazer isso. Certa vez, Celím começou a se relacionar com Laudeci, dona também de uma peixaria, que se chamava Castelinho e ficava próximo ao estabelecimento de Bete.

— Porra, Celím, que dia tu vai lá? Bora lá, eu te pago uma cerveja – sugeria Neném.

Ele queria que pelo menos o amigo estivesse por perto para dar um apoio emocional. Celím era uma espécie de porto seguro dele no campo da sedução. (ARAÚJO, 2019, p. 57)

Neném Bragança é uma figura notável, pelo modo como os amigos se recordam dele é possível entender porque se tornou um ícone para a cultura de Imperatriz. Para que pudesse viver tantas conquistas, fosse nos festivais ou em outros momentos, ele contou com a contribuição de amigos e familiares. Na biografia, Araújo (2019) ressalta a importância dessas pessoas para o sucesso do biografado. O recorte a seguir, por exemplo, mostra como começou o último projeto musical da vida do cantor.

Chiquinho o convidou para o projeto e os olhos do Neném não conseguiram ficar no lugar que a anatomia humana lhes reservara, saltaram de tanta alegria.

— Pô, cara, contigo eu topo.

Neném tinha muita confiança no trabalho de Chiquinho. O produtor então começou sua batalha para colocar a ideia em prática. Conversou com o governo do Estado, na época representado por Flávio Dino e conseguiu R\$ 50 mil do valor total do projeto, que estava orçado em R\$ 75 mil. A prefeitura de Imperatriz, então sob a administração do prefeito Sebastião Madeira, se comprometera em financiar cerca de R\$ 25 mil, o que acabou não acontecendo. A única opção era dar continuidade sem a intenção de obter lucro, e assim combinaram. Chiquinho fez um empréstimo de R\$ 15 mil e finalizou o projeto com o valor de R\$ 65 mil. (ARAÚJO, 2019, p. 22)

Ao longo de toda a narrativa biográfica, percebe-se que o aluno escritor toma cuidado para não assumir a sua obra como o relato verdadeiro e absoluto da vida de

Neném Bragança. Ainda que exponha muitos momentos, inclusive da intimidade do cantor, Araújo (2019) não aborda nenhum dos temas com determinismo, mesmo aqueles que são “evidentes”, como o amor que Neném Bragança sentia pela cultura maranhense.

Uma pista desse carinho pela música maranhense está nas quatro canções que Neném escolheu colocar no álbum. A primeira, Índia Bailarina, composição de Chiquinho França, é uma mistura do ritmo bumba-meu-boi com seus tambores e matracas, somado com um timbre espetacular da guitarra de Chiquinho. (ARAÚJO, 2019, p. 33)

A forma como o biógrafo lidou com o conselho de Vilas Boas a respeito da transparência será compreendido no próximo capítulo. A resposta sobre os caminhos e escolhas que o aluno escritor seguiu como biógrafo será explicada em suas próprias palavras, por meio da entrevista que foi realizada. Porém, um pouco desse aspecto é exposto no posfácio do livro, no qual Araújo (2019, s.p.) conta a experiência que teve com o cenário cultural da cidade e as dificuldades que vivenciou ao tocar em bares durante a noite, podendo reconhecer na pele a mesma indignação que seu biografado sentia: “Como músico também já experimentei situações parecidas. Certa vez, cantei por quatro horas seguidas, junto com meu parceiro na época, Maron Sepetímio, e recebemos R\$ 80. Decepcionante”.

Assim como a voz e as percepções de Araújo no fazer jornalístico de um livro-reportagem, outras três serão articuladas simulando um debate, no próximo e último capítulo, em busca de outras linhas de força de interpretação que só podem ser percebidas em depoimentos coletados por meio da entrevista qualitativa.



### 3 BASTIDORES DO LIVRO-REPORTAGEM: AS PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS ESCRITORES

Como parte complementar à análise realizada no Capítulo 2, estas páginas da monografia propõem-se a conhecer os bastidores de produção de alunos do curso de Jornalismo que se dedicaram, na fase final da graduação, a elaborar um livro-reportagem como TCC. Foram convidados quatro desses autores para participar da entrevista qualitativa, cujas perguntas foram organizadas como exposto no Quadro 3, com base em quatro linhas de força para todos os entrevistados e uma específica para o autor da biografia. O objetivo foi relacionar a rotina produtiva de um aluno escritor a algumas das liberdades propostas por Lima (2009), das características de Catalão (2010) e, no caso da biografia, as sugestões de Vilas Boas (2006). Posto isso, no quadro 5 estão os detalhes como local, data e tempo de duração das entrevistas realizadas com os alunos escritores.

Quadro 5 – Dados sobre as entrevistas

Entrevistado	Local e data da realização da entrevista	Duração da entrevista*
Beatriz Farias	Online via Google Meet, dia 26 de maio de 2022	1h24min
João Marcos Silva	Casa da entrevistadora, em Imperatriz (MA), dia 16 de junho de 2022	1h33min
Kalyne Cunha	Online via Google Meet, dia 16 de junho de 2022	1h56min
Gustavo Araújo	Online via Google Meet, dia 2 de julho de 2022	2h21min

\*os segundos foram excluídos da soma final

#### 3.1 O livro-reportagem como trabalho de conclusão de curso

O período final da graduação carrega consigo um misto de emoções, preocupações e incertezas quanto ao futuro. Um dos motivos que pode causar apreensão é o “famigerado” e “temido” trabalho de conclusão de curso. No caso do curso de Jornalismo da UFMA, é permitido aos alunos escolher entre a apresentação de uma monografia ou a entrega de um produto de autoria individual, desde que alinhado às práticas jornalísticas aprendidas durante a formação. Nesta análise são estudados livros-reportagem entregues como produtos de TCC, por este motivo é que se faz relevante ouvir alguns dos alunos escritores para compreender o que os levou a decidir pela produção de um livro como entrega final do curso de ensino superior.

Do ponto de vista de Beatriz Farias, a escolha do livro-reportagem surgiu como uma surpresa. Durante o 5º período da graduação, a aluna decidiu que entregaria um

produto como trabalho de conclusão, que seria uma grande-reportagem sobre a Vila João XXIII. Ao conversar com o professor Alexandre Maciel, foi desafiada por ele a fazer um texto jornalístico inicial abordando o tema, para que pudessem entender melhor do que se tratava o lugar. Trabalho entregue, foi surpreendida pela proposta do professor, como ela mesma conta (FARIAS, informação verbal, 2022)<sup>1</sup>: “Então eu fiz, ele leu a reportagem e falou assim: ‘Eu acho que você não deve fazer uma grande reportagem, mas um livro-reportagem’.”.

Kalyne Cunha, por sua vez, iniciou o seu projeto com base na motivação de entregar algo de valor para a sua cidade ao término do curso, por considerar que esse era seu papel enquanto aluna das primeiras turmas de formandos. Como relatado por ela (CUNHA, informação verbal, 2022)<sup>2</sup>: “Temos dezenas de escritores, tem a academia dos imortais e outras pessoas que fazem poesia, crônica e outras narrativas, mas que não contemplam a memória local.”. Ao conversar com o professor Alexandre Maciel e expor o seu desejo e observações, chegou à conclusão de que deveria fazer o resgate histórico do teatro em Imperatriz. Porém, como o texto precisava ser aprofundado, não caberia em uma grande reportagem, era necessário transformá-lo em livro.

Para João Marcos Silva, fazer um livro-reportagem parecia um caminho pré-determinado, pois antes mesmo de iniciar a graduação já possuía vivência com a escrita, sendo autor de uma obra de ficção e alguns contos. Quando estava no 3º período, realizou uma atividade experimental na disciplina de Técnicas de Reportagem, na qual deveria escrever uma vivência, escolhendo então a feira da cidade de João Lisboa como enfoque do trabalho. Ao pesquisar em sites de busca sobre a cidade, Silva (informação verbal, 2022)<sup>3</sup> percebeu que havia pouco conteúdo documental publicado: “Precisava de alguma coisa que falasse sobre a história de João Lisboa. Eu me vi nessa responsabilidade, como eu tinha a oportunidade e era um problema histórico a ser reparado.”

---

<sup>1</sup> FARIAS, Beatriz. Entrevistadora: Gislei Nayra Soares Moura. Imperatriz: encontro online via Google Meet [26/05/2022]. 1 arquivo .m4a (1h24min). Todas as referências entre aspas a esta entrevistada neste capítulo são informações verbais retiradas da mesma gravação.

<sup>2</sup> CUNHA, Kalyne. Entrevistadora: Gislei Nayra Soares Moura. Imperatriz: encontro online via Google Meet [26/05/2022]. 2 arquivos .m4a (1h56min). Todas as referências entre aspas a esta entrevistada neste capítulo são informações verbais retiradas das mesmas gravações.

<sup>3</sup> SILVA, João Marcos. Entrevistadora: Gislei Nayra Soares Moura. Imperatriz: casa da entrevistadora [16/06/2022]. 2 arquivos .m4a (1h33min). Todas as referências entre aspas a este entrevistado neste capítulo são informações verbais retiradas das mesmas gravações.

A decisão de Gustavo Araújo foi um pouco diferente. Ao participar de alguns grupos de pesquisa durante a graduação, percebeu que não tinha afinidade com os temas estudados. Com o final do curso chegando e prazos apertados, precisava se decidir sobre o que fazer como trabalho de conclusão, e pensou (ARAÚJO, informação verbal, 2022)<sup>4</sup>: “Bom, o que eu gosto? Acho que seria interessante escrever sobre música, eu já tenho intimidade com o assunto”. Assim, em parceria com o orientador, decidiu trabalhar na biografia de Neném Bragança.

### 3.2 A escolha do tema

Como Lima (2009) já havia mencionado, o livro-reportagem permite ao jornalista escritor a liberdade temática e temporal. Enquanto para Catalão (2010) duas características relacionadas ao tema são a contemporaneidade e excepcionalidade. Para ambos, estes pontos estão ligados à possibilidade de abordar os assuntos retratados sem muito aprofundamento na mídia tradicional. Para os alunos escritores da UFMA de Imperatriz, essa escolha geralmente é pautada numa reflexão pessoal sobre o que gostariam de escrever e quais aspectos teriam relevância para o público local. Conheceremos a seguir os caminhos que levaram à escolha dos temas de alguns títulos lidos nesta análise.

Uma pesquisa que não devolveu resultados satisfatórios foi o suficiente para incomodar Silva a tomar uma atitude. Ao receber a missão de realizar uma vivência, o aluno escritor refletiu sobre como seus colegas de sala, a maioria residentes de Imperatriz, trariam conteúdos relacionados a espaços físicos desta cidade. Então, enquanto morador de João Lisboa, decidiu que falaria sobre aquele lugar. Durante a execução do trabalho, o aluno refletiu: “Me deparei com o problema: poxa, onde está a história de João Lisboa? Quem contou essa história? Por que ela não existe? Se existe, onde é que ela está?”. Seu desejo uniu-se à orientação do professor, que já havia mencionado antes como seria interessante ter livros-reportagem que contassem a história das cidades que um dia fizeram parte de Imperatriz. Assim, motivado por sua ligação familiar com João Lisboa e o desejo de fazer algo para registrar a história do município, o aluno definiu o seu tema.

---

<sup>4</sup> ARAÚJO, Gustavo. Entrevistadora: Gislei Nayra Soares Moura. Imperatriz: encontro online via Google Meet [02/07/2022]. 2 arquivos .m4a (2h21min). Todas as referências entre aspas a este entrevistado neste capítulo são informações verbais retiradas das mesmas gravações.

“Gosto muito do teatro amador, congregava em uma igreja e a gente sempre fazia peças. Era envolvida nesse mundo e achava muito interessante. Então, pensei: ‘Quero contribuir com a minha cidade e eu gosto tanto de teatro!’”. A ligação afetiva com a arte cênica foi o que levou Cunha à decisão de escrever um livro-reportagem sobre a história do teatro em Imperatriz. Como pontua Lima (2009), a estudante assumiu essa tarefa como seu propósito, abordando a temática com o objetivo de recuperar a história do teatro, mas também instigar a reflexão sobre a realidade, muitas vezes desoladora, daqueles que desejam viver das artes cênicas em Imperatriz.

Semelhante à Cunha, Farias também escolheu o seu tema por ter uma conexão com o lugar retratado. De família católica, a aluna conviveu desde criança com a presença da Vila João XXIII, tanto quando participava dos retiros da igreja, realizados em um lugar à frente da instituição, quanto por ouvir os pais falarem sobre a Vila e levarem doações para lá. “Eu sempre os ouvia falando sobre a Vila João XXIII. Então, era algo que fazia parte de mim, de certa forma, da minha infância, e eu tinha muito carinho”. Na época, a aluna já trabalhava no mercado jornalístico e se sentia decepcionada com a falta de profundidade na produção de matérias. Por isso, decidiu que contaria a história das pessoas daquele lugar e sua relevância social para a cidade e região.

Como mostrado no tópico anterior, Araújo escolheu o seu tema baseado na afinidade com a música. Com o prazo de entrega curto, ele precisava escrever sobre algo que gostava para facilitar o processo. Mas, por que Neném Bragança? Nas palavras dele: “A princípio a ideia era reconstruir o pano de fundo cultural dessa época em que Neném Bragança viveu, então, [ele] ganhou destaque nesse momento e a gente quis fazer esse recorte.”. O destaque mencionado por Araújo surgiu do fato de haver pouco conteúdo veiculado a respeito do cantor na mídia local, ainda que ele tenha sido atuante e responsável pelo maior festival de música que a cidade já produziu, o Faber.

Mesmo separados por temas e abordagens diferentes e alguns anos entre uma turma e outra, o que podemos perceber pelo que os entrevistados expuseram é que escolher o assunto passou por alguns filtros em comum, sendo eles: afinidade com o tema, escassez de material documental, desejo de produzir conteúdo aprofundado, relevância social, resgate de memória para a própria cidade e possibilidade de explorar novos ângulos não abordados pela mídia tradicional. Tais semelhanças

conectam-se com o que os autores, Lima (2009) e Catalão (2010), definiram como padrões na produção jornalística de livro-reportagem no Brasil, citados no início deste tópico.

### **3.3 Trabalhe com o que amas e... terás desafios também**

No tópico 3.2, os entrevistados contaram que o primeiro passo para escrever um livro-reportagem é ter um interesse verdadeiro pelo tema. Diferente do que se possa presumir, escolher um assunto com o qual se tem afinidade não significa que será mais fácil. Pelo contrário, assumir para si a responsabilidade de desenvolver um conteúdo aprofundado, ainda na graduação, traz consigo desafios e dificuldades específicos e essa questão será abordada nos próximos parágrafos.

Para Farias, a primeira dificuldade surgiu no contato com os entrevistados que, pela situação delicada em que viviam, nem sempre estavam abertos a conversar. “Muitos ali não têm família, só têm a instituição, são pessoas vulneráveis. Então, tive que fazer com que eles confiassem em mim. Criar essa conexão demorou um certo tempo e exigia paciência”. A aluna escritora contornou a situação visitando com frequência a Vila João XXIII, entrevistando algumas pessoas mais de uma vez e corrigindo o seu olhar para o entrevistado. “A gente aprende as técnicas e acha que vai funcionar para todos os entrevistados, mas cada um tem a sua personalidade”.

Araújo também vivenciou a mesma dificuldade com as fontes, principalmente com a esposa de seu biografado que, inicialmente, não desejava conceder entrevista, mas mudou de ideia... quase tarde demais. O livro já estava sendo diagramado por um designer quando ela decidiu falar com o aluno escritor. “Nesse mesmo dia, tive que fazer a entrevista com a esposa, decupar para inserir, escrever o texto, para o designer colocar no livro ainda. Foi um desafio.”. Mas, valeu a pena, pois se tratava de alguém muito relevante para a construção da biografia de Neném Bragança.

Existem ainda as dificuldades que transcendem o processo de apuração do aluno escritor, como, por exemplo, o surgimento de um inimigo invisível: uma pandemia. Silva foi infectado pelo coronavírus em janeiro de 2021, por isso, só conseguiu retomar as pesquisas ao final de fevereiro. “Como eu ia conversar com os idosos se existia a dificuldade material de acessarem a internet, o celular? A maioria não tem essa tecnologia, não dava para marcar uma entrevista por Google Meet”. Por

isso, ele só se sentiu seguro para fazer as entrevistas em março, quando esse grupo de pessoas já havia recebido a primeira dose da vacinação.

Cunha sentiu no bolso a dificuldade, quando não pôde entrevistar o ativista cultural Pedro Hanaye. “A própria questão financeira, de transporte. Tinha uma fonte do meu livro que era muito importante e morava no Pará, eu não tinha dinheiro para fazer a viagem, foi muito complicado”. Além disso, os custos de impressão do livro na cidade também estavam fora das possibilidades da aluna escritora. Assim como ela, Farias também foi desafiada neste aspecto, principalmente em relação ao custo de transporte, pois a Vila João XXIII está situada em um bairro distante. Entretanto, ela contou com o apoio de amigos e familiares para conseguir acessar o local com frequência.

Transformar o material colhido em texto, de entrevistas à pesquisa documental, foi uma dificuldade em comum entre Araújo, Cunha e Farias. Cunha conta que “são muitas narrativas, muitas falas. O próprio processo de construção não é fácil, costurar as falas, tentar colocar tudo de forma linear”. Durante a produção de seu livro, Araújo teve a oportunidade de fazer uma viagem a outro país, e seu processo de escrita foi dificultado pelo tempo. “O prazo era apertado. Na época eu era sócio com uma amiga de um restaurante e ela falou: ‘Gustavo, tu trabalha aí que eu seguro as pontas’.”. O tempo também atrapalhou Farias, porém, no caso dela, era a pressa de colocar tudo no papel. “Às vezes eu ficava à frente do computador horas e horas e não saía nada. Outras vezes, em 30 minutos eu escrevia mais do que eu imaginava que conseguiria escrever.”.

Um desafio comum a todos é encarar dilemas éticos durante a apuração e produção textual. Em uma entrevista, dona Josina relatou a Silva que o marido havia passado carvão em seu rosto após se irritar por ela ter se arrumado para que saíssem juntos. O marido em questão era um homem conhecido e respeitado na cidade, então, Silva precisava decidir se iria ou não inserir essa informação. Mesmo sabendo que se tratava de um retrato da época, pensou em como a família iria reagir diante da exposição negativa. Porém, chegou à seguinte conclusão: “Estava conversando com a dona Josina, as duas filhas dela estavam lá e confirmaram a história, repetiram também em outras entrevistas”. Essa naturalidade em contar o episódio fez com que o aluno escritor entendesse que era algo que já havia sido superado pela família, de modo que ele estaria autorizado a mencionar o relato em seu livro-reportagem.

Durante o período de vivência na Vila João XXIII, Farias observou um rapaz que sempre estava por lá, mas não era paciente de hanseníase, e sim de outra enfermidade. Entretanto, ele se mantinha distante e não parecia aberto para falar. Intrigada, conversou com outros pacientes sobre ele e conheceu o motivo do seu distanciamento: “Ele tinha um passado criminal, mas eu via que ele não queria aproximação e respeitava isso”. Mesmo conhecendo a sua história, Farias sabia que não seria ético abordá-la no livro sem antes ter entrevistado o personagem. Após alguns dias visitando a instituição e tentando se aproximar, o rapaz sorriu para ela e decidiu se abrir. “Ele tinha muito medo de ser reconhecido, então usei outro nome para ele”. Assim, com a segurança de que teria seus dados protegidos, o entrevistado contribuiu com Farias e pôde revelar a sua própria história.

“Eu deixei isso de fora”. Essa foi a decisão que Araújo tomou com relação a abordar ou não os detalhes do câncer, no céu da boca, responsável pela morte de Neném Bragança. Na entrevista com a esposa do cantor, o aluno escritor soube de minúcias a respeito de como a doença tinha sido devastadora para o seu personagem, mas, refletiu se iria se sentir confortável caso algo tão íntimo seu fosse exposto dessa forma. Por isso, decidiu preservar a imagem de Neném Bragança, dando poucos detalhes dessa fase final de sua vida, focando principalmente em sua relação com o filho nos últimos dias e o modo como, mesmo debilitado, se esforçava para se manter útil no cotidiano da família.

Para Cunha, o dilema ético chegou após a publicação, por meio de uma fonte. “Oi, Kalyne. Tudo bem? Eu queria dizer que eu li o seu livro e a minha mãe também. Agradeço por ter me chamado, mas você me detonou no teu livro, viu?’. Aconteceu, mas, precisa entender que não fui eu, foram as pessoas que falaram dela.”. Ainda assim, a aluna escritora conta que por ser inexperiente na época em que escreveu o livro, não pensou muito se o que iria incluir sobre determinadas pessoas as colocaria na posição de vilãs ou causaria algum desconforto.

Nota-se, com esses depoimentos, que alguns desafios são partilhados por boa parte dos entrevistados. Produzir um livro-reportagem requer muito investimento por parte do aluno que decide entregar um produto no TCC, bem como o tempo, pontuado por Araújo, e o financeiro, exemplificado por Cunha e Farias. Há ainda os fatores externos que podem impactar a produção jornalística, como aconteceu com Silva. E, mesmo com a maré seguindo na direção contrária, todos são unânimes: vale a pena vivenciar cada uma dessas etapas se o resultado for um bom livro-reportagem.

Essa certeza é tão verdadeira que os entrevistados deixaram alguns conselhos para aqueles que optarem por entregar um produto semelhante ao final da graduação. Silva reforça o clichê: “Tem que ler”. A orientação parte do princípio de se desafiar a ler livros-reportagem para conseguir se ver enquanto um possível jornalista escritor. O segundo, para ele, é gostar de ouvir as pessoas. “Quando você começa a ouvir as pessoas, começa a entender quem elas são, como elas veem o mundo”. O último é “se despir dos seus preconceitos”, entender que cada personalidade tem experiências únicas e não há espaço para pré-julgamentos.

“Primeiramente, escrever algo que goste, pois nem sempre escrever é algo prazeroso”. Esta é a sugestão de Cunha, por saber que a realidade do escritor é instável, com dias de muito material escrito e outros com só um parágrafo. Portanto, este é o caminho para não enxergar esse trabalho como um sacrifício: “Tentar contribuir e não ser apenas mais um aluno de jornalismo, mas pensar grande”. Para ela, o livro-reportagem escrito na graduação serve também como projeção para o mercado de trabalho. Araújo, por sua vez, reforça o que Cunha disse: “Tem que ser um tema que a pessoa tenha interesse”. E dá o recado: “Ser muito organizado”, de preferência pensar sobre o tema um ano e meio antes do período dedicado ao TCC.

Por fim, Farias declara que o caminho é seguir o próprio coração. “É uma das coisas mais bonitas que podemos fazer pelo nosso curso, poder colocar em prática tudo que a gente aprendeu desde o início”. Foi essa inspiração que a levou até o seu objetivo, “fazer algo que marcasse, inspirasse pessoas e o próprio profissional a se aprofundar e mostrar assuntos que não são retratados, a dar voz a essas fontes que não são oficiais.”. Para ela, o livro-reportagem é um produto no qual se pode expressar tudo o que foi absorvido na graduação. “Eu vi o quanto é um curso tão rico. Você não aprende a ser só jornalista ou a fazer uma reportagem. Você aprende a escutar e perceber as pessoas, sentir e analisar todo o contexto.”

### **3.4 O mercado de trabalho também é uma escola**

Além do estágio supervisionado, alguns alunos se propõem a entrar no mercado ainda na graduação, seja por meio de estágios remunerados ou cargos efetivos. Para os quatro entrevistados deste capítulo, não foi diferente. Já nos primeiros períodos, ingressaram nas rotinas produtivas do jornalismo de Imperatriz. Farias foi estagiária na emissora de televisão Difusora, começou na área de



webjornalismo e, posteriormente, passou por outras frentes de serviço. Em sua experiência, viveu um paradoxo: ao mesmo tempo em que escrevia um livro-reportagem pautado em jornalismo de fôlego, precisava lidar com a pressão de produzir o conteúdo factual no trabalho. “Eu via como as reportagens eram superficiais e eu ficava um pouco decepcionada”, sentimento advindo do contraste com o que era estudado na faculdade. “A gente tá aprendendo a como fazer a diferença, um jornalismo de qualidade.”

Apesar dessa realidade divergente, Farias afirma que “a Difusora foi uma escola. Eu aprendi muito, mesmo com a correria”. Os frutos desse aprendizado foram saber “lidar com pessoas, com gente zangada, principalmente em assuntos delicados de denúncias”. Outra importante contribuição refere-se ao momento da entrevista, “Aprendi a fazer as perguntas certas, a não ir com as perguntas prontas. Mas, chegar lá e escutar, pelo menos a primeira resposta, e a partir daí continuar o assunto”. Desse modo, evita-se que sejam feitos questionamentos que o entrevistado já deu a resposta em outro momento. “Você se torna mais maduro para capturar as coisas ‘no vento’, e isso me ajudou muito a desenvolver melhor o meu trabalho”.

Araújo estagiou no mesmo lugar que Farias, passando pela rádio, televisão e site. Entretanto, por atuar na função de pauteiro, não sentiu que a experiência tenha contribuído tanto no processo de produção do seu livro. Em contrapartida, foi voluntário de iniciação científica e reconhece que este período serviu como base. “Essa jornada na pesquisa foi muito importante. O relatório do meu livro é o reflexo total de ter a intimidade com o texto científico”. Além do relatório final, Araújo também aprendeu sobre os tipos de entrevista e a lidar com prazos. “Todos os anos de iniciação científica me deram agilidade para escrever esse material”.

Assim como ele, Silva também foi direcionado pela iniciação científica. “Essa pesquisa sobre os escritores de livro-reportagem do Nordeste foi o meu treinamento para escrever livro-reportagem”. Ao entrevistar os jornalistas escritores para a pesquisa desenvolvida pelo grupo Jornalismo de Fôlego, Silva pôde conhecer as suas dificuldades e se preparar para o que iria viver quando começasse o próprio projeto. Mas, retornando ao mercado de trabalho, o aluno escritor também atuou como *social media* em uma página de conteúdo regional, o Imperatriz Online. Como experiência, adquiriu a capacidade de abordar múltiplos assuntos, agilidade e uma rede de contatos. “Eu não gostava de falar em telefone, não gostava de reuniões e falar com

peessoas. Mas, como eu trabalhava lá, precisava desenrolar isso. Então, eu fazia ligação e entrava em contato com pessoas quase todos os dias”.

Em sua experiência profissional como produtora, Cunha aprendeu a fazer o trabalho prévio de ida a campo. “Já sabia como abordar uma pessoa e depois de ter esse contato com ela, marcar uma entrevista”. Tudo contribuiu para que ela tivesse mais facilidade para contatar as fontes de seu livro-reportagem. “Como eu já tinha feito alguns materiais jornalísticos, quando me deparei com o livro, vi que tinha muito desse processo também”. Assim, a aluna escritora conseguiu conectar os aprendizados adquiridos, tanto no mercado quanto na graduação. “Eu utilizei tudo que vi na faculdade em teoria com a prática que eu já tinha fora de lá”. Por fim, ela complementa que foi muito importante em toda a produção do livro “desde colher documentos, entrevistas, conseguir enxergar quais fontes [procurar]. Então, esse olhar, essa visão eu tive muito da minha prática. Não fiz um livro-reportagem crua”.

Com base nos pontos de vista exibidos neste tópico, percebe-se a importante contribuição da experiência prática em paralelo à graduação no conhecimento técnico das práticas jornalísticas. Ainda que, em muitos casos, os alunos tenham se deparado com situações desfavoráveis, como a pressão do tempo e a superficialidade com que alguns temas eram abordados na mídia local, vivenciar o mercado possibilitou o surgimento de uma postura profissional ágil e desinibida, características necessárias para quem deseja escrever um livro-reportagem.

### **3.5 Sobre as características imprescindíveis no livro-reportagem**

No capítulo 2, foram apresentados alguns exemplos extraídos dos livros-reportagem em análise com o objetivo de identificar se as características que pautam a produção desse material jornalístico estavam ou não presentes nas obras de alunos da UFMA de Imperatriz. Portanto, neste tópico, será trabalhada a percepção de uma parte desses estudantes, entendendo como foi para eles o processo de apuração contextualizada, equilíbrio de fontes, recuperação de memória e humanização. Como forma de encadear as informações com fluidez, convencionou-se não trazer os pontos de vista de todos os entrevistados sobre cada assunto, mas as suas visões complementares a respeito de diferentes aspectos.

“Acredito que o jornalismo nos ensina a seguir o nosso instinto”. Ao iniciar a apuração para o seu livro, Farias percebeu que mesmo tendo domínio da técnica

jornalística, isso não era o suficiente. “Entendi que aquele processo seria mais longo do que imaginava. Por esse motivo, incluí na minha rotina visitas constantes à Vila João XXIII.” Nas primeiras vezes que ela foi até a instituição, incomodava-se quando não conseguia entrevistar alguém ou não percebia nenhum movimento diferente na rotina. Porém, aos poucos foi entendendo mais sobre a Vila: “O nada se transformava em conteúdo também. O silêncio fazia parte daquele lugar e, depois que eu entendi isso, tudo virava um gancho.”

Munida de um bloco de notas, uma câmera semiprofissional e seu celular como gravador, a aluna escritora vivenciou o cotidiano da Vila João XXIII por, aproximadamente, cinco meses. Após este período, sentiu que havia colhido material suficiente para começar a colocar sua narrativa no papel, pois já conhecia o funcionamento do ambiente. “Quando o médico visitava o local, quando eles recebiam doações... Abri um espaço na minha vida para poder criar o livro. Me conectei com o lugar e a história.” Ter a vivência como parte inicial da apuração contribuiu para facilitar a organização textual das informações que obteve. “Tudo o que eu registrava, arquivava em seguida na pasta do TCC. Cada personagem tinha o seu arquivo. Depois tudo foi se juntando e tornando um só corpo.”

Para contar a história de João Lisboa, Silva precisava vivenciá-la como um todo. Portanto, o meio que encontrou era o de estar em convivência com seus moradores. “A minha vivência dentro da cidade foi interessante, porque passei a conhecer mais gente, conversar com pessoas que nunca tive a oportunidade de conversar, ir à casa delas, saber como vivem”. A intensidade dessa fase foi tanta, que o aluno escritor passou por situações, no mínimo, inusitadas. “Essa coisa de querer saber sobre a vida passada das pessoas para colocar no livro, já aconteceu até de sonhar com elas e coisas relacionadas à história da cidade”. Foram três sonhos no total, sendo que um deles causou até medo no aluno escritor. “Eu queria mais informações sobre ele e não encontrava, então ele apareceu para mim no sonho”, fruto da angústia por não encontrar informações sobre o personagem que havia falecido há muitos anos. “É muito doido, porque você se envolve demais.”

Silva chegou a entrevistar mais de 50 pessoas e realizou uma pesquisa documental bastante densa. Para que todo esse material fizesse sentido e ficasse equilibrado, o aluno escritor desenvolveu uma estratégia própria e conseguiu contextualizar os fatos. “Peguei os 60 anos de história, fiz uma linha cronológica e pensei em quais personagens eu iria colocar em cada ponta dessa linha e como essas

informações conversariam com suas próprias histórias”. Assim, foi conectando, confirmando ou desconsiderando as informações apuradas. No final, o resultado foi um livro com muito embasamento histórico e documental.

Entretanto, encontrar o equilíbrio entre as fontes documentais e os entrevistados pode ser desafiador, principalmente quando não se tem muito registro histórico à disposição. Cunha revela que pegou “todos os documentos que tinha e tentei balancear. Se falavam sobre o Teatro Ferreira Gullar, eu procurava algo no jornal que pudesse concretizar aquilo que foi evidenciado”. Além de jornais, a aluna também utilizou registros fotográficos e imagens de documentos escritos. Inclusive, o uso de imagens dentro do livro-reportagem foi um recurso para garantir uma exposição do tema mais didática e prazerosa para o leitor. “Na maioria dos capítulos sempre vai ter uma foto antiga ou atual, um documento, uma matéria antiga”. Isto é importante, segundo ela, para que o livro tenha autenticidade. “É muito complicado fazer um livro só de memórias, esses documentos servem também para validar a história.”

O pouco conteúdo documental disponível reforçou a importância para acessar a memória dos entrevistados para compreender e conseguir traduzir as realidades da época retratada. Araújo revela porque considera fundamental registrar as lembranças de pessoas que contribuíram socialmente para a cidade. “Existem algumas figuras que são importantes para a história de Imperatriz, artisticamente falando. E a gente perde muito a referência do nosso próprio lugar, olha muito para fora”. Ou seja, ao inserir as recordações de artistas e familiares sobre Neném Bragança em sua biografia, o aluno escritor não está contando o recorte de apenas uma vida, mas de várias. Em conjunto, essas memórias não retratam somente o cenário musical do período em que o biografado estava vivo, mas também registram um pouco da vida de outras pessoas, incentivando sua valorização.

“Eu parto do princípio de que todas as pessoas têm uma história para contar e escrevem a história do lugar onde moram”. Silva descobriu isso enquanto escrevia seu livro. Inclusive, refletiu sobre como a sua própria memória ajudou a construir a história de sua cidade. “Quando eu tinha uns 11 ou 12 anos, João Lisboa completava 40 anos e o prefeito mandou fazer um bolo de 40 metros. E eu tenho uma memória de infância que eu passei o dedo escondido no bolo”. Quando estava escrevendo a obra, ficou em dúvida se a memória era verdadeira ou não. “Eu encontrei um jornal da época que contava que no aniversário da cidade tinha sido servido esse bolo”. Aliviado

por atestar sua sanidade, decidiu incluir no livro-reportagem a sua contribuição à memória coletiva de sua cidade.

Ouvir o outro com atenção é uma forma de humanizar. “Quando a pessoa ficava reticente, queria falar, mas parava a fala no meio e os olhos continuavam contando a história, pelo olhar, pelo choro, quando dava crise de riso ou se zangava”. Cunha inseriu todas essas reações no livro, para que o leitor pudesse compreender como a pessoa estava se sentindo no momento da entrevista. “É importante colocar o estado de espírito da pessoa também. Sempre procurei dar voz às emoções”. Além de reproduzir no texto os sentimentos das fontes, Cunha abriu espaço no livro-reportagem para abordar seus próprios sentimentos, mostrando como foi para ela vivenciar os bastidores de todo esse trabalho, suas angústias, incertezas e, principalmente, a solidão. Uma pequena mostra do que Lima (2009) chama de angulação e Catalão (2010) de jornalista autor individual.

Semelhante à Cunha, Silva também acredita que a humanização começa pelo ouvir. “Eu realmente deixei as pessoas falarem por si mesmas. Às vezes, na ânsia do repórter de fazer uma lista de perguntas, a gente corta a pessoa e impede seu raciocínio”. Pelo medo de cometer esse erro e por saber que as melhores respostas vinham no momento mais inesperado, Silva chegou a realizar entrevistas de cerca de quatro horas, apenas guiando o entrevistado sobre um ou outro tema. “Para falar a verdade, eu só montei esquema de perguntas no começo, depois não tinha mais. Eu chegava e depois de me apresentar, dizia: ‘Me conta a sua história’”.

“A minha intenção não era fazer um relato puro e sem filtro, eu queria valorizar esse artista. Eu conto o momento difícil dele, mas não preciso entrar em um nível de detalhamento que vai constranger a pessoa e a família”. Araújo sabia que expor a maneira como o câncer afetou o corpo de Neném Bragança seria um recurso narrativo de impacto, uma cena forte que abalaria o leitor. Entretanto, mesmo em posse da informação concedida pela esposa do cantor, ele preferiu não registrar esse fato. Ainda que seu biografado não estivesse mais vivo para questionar ou se ofender com o que havia sido escrito, ele sabia que precisava respeitar sua memória e as pessoas que o amavam, ao invés de o constranger em público por algo que, certamente, era de caráter privado e íntimo.

“*Marcas do Tempo* foi um livro construído praticamente pelos hansenianos e integrantes da Vila. Esse tipo de narração, essa forma de contar histórias com foco nas fontes não oficiais, revelam a essência do jornalismo humanizado”. Farias

confirma o que já havia sido ressaltado por Ijuim (2014), pois um dos seus incômodos era saber, pela própria experiência, que o jornalismo diário não possibilitava a produção de conteúdo personificado, “Desde o início procurei focar nesse cuidado de fazer diferente do que eu via na mídia”. Entretanto, seu objetivo maior com o livro-reportagem era inspirar: “Eu quis justamente lembrar e alertar todos os profissionais, formandos e recém-formados, que é possível, sim, humanizar a nossa profissão fora da universidade. É possível fazer melhor, sempre”.

Com muita particularidade, os alunos experienciaram cada uma das características necessárias para a construção de um livro-reportagem e isso é facilmente explicado, suas decisões atravessaram um filtro exclusivo: sua própria personalidade e história. Assim, desenvolveram técnicas individuais de apuração, se desafiaram a equilibrar o texto com rigor jornalístico, reconheceram o valor de ouvir e perceber o outro, respeitar as suas memórias e tê-las como relevantes, para que pudessem entregar um material humanizado desde a sua idealização.

### **3.6 Particularidades e desafios na produção de uma biografia**

Como no tópico anterior, nesta parte pretende-se ampliar a compreensão do modo como Araújo seguiu as sugestões de Vilas Boas (2006) em sua biografia. Aqui, vamos deixar que ele mesmo conte como aplicou cada uma delas. A começar pelo conceito de verdade que, para o aluno escritor, foi o seu ponto de partida. “É impossível você escrever uma biografia e achar que está contando a história da pessoa por completo, isso é uma ilusão”. Com esse entendimento, ele trabalhou para colher o máximo de informações possíveis sobre a personalidade do biografado, suas relações, conquistas, mas, tendo a consciência de que seria apenas um recorte da vida de Neném Bragança.

Mesmo com o desafio de conseguir entrevistar os familiares do cantor, Araújo ouviu a esposa, Carmem e o filho mais velho, Niã. Essas entrevistas permitiram que o biografado fosse conhecido pela ótica de quem estava todos os dias com ele, relações que não determinavam quem ele era, mas demonstravam um pouco da sua personalidade, como Vilas Boas (2006) sugere que uma biografia deve se constituir. “Entrevistando o filho dele, vi que era uma relação de amizade entre eles dois, isso já mostrava como ele seria com outras pessoas. Como era a relação com a mulher,

antes e depois de conhecê-la. Então, você vai entendendo as nuances da pessoa”, acredita Araújo.

“Não fui olhando ‘ah, ele era um grande cara!’ Fui, justamente, atrás do Neném Bragança fora dos palcos. Do Neném Bragança pai, criança, esposo e, também, o artista. Não fui cego atrás dos feitos dele, mas da pessoa”. Ao assumir essa postura, Araújo evidencia que cumpriu com o objetivo de evitar o fatalismo e, por consequência, a extraordinariedade, pois apresentou em sua obra muitos relatos de amigos e familiares que mostravam o modo como o protagonista era apoiado por quem se relacionava com ele, o que possibilitou que conquistasse muitos prêmios e prestígio em sua carreira artística.

Com relação a usar a criatividade para estruturar uma biografia de modo não linear, a decisão de Araújo foi “começar pelo fim”. Inspirado por conteúdos que consumia, como filmes e livros, decidiu que iniciaria sua trama pelo momento em que o protagonista morre. “Não quero terminar o livro lá embaixo. Quero que o livro termine lá em cima, para quando as pessoas lerem: ‘Pô, que massa!’”. Entendeu que a biografia precisava terminar deixando o leitor empolgado com a história da cultura fervilhante de uma Imperatriz das décadas de 1980 e 1990, por isso, era importante que a parte mais triste ficasse logo no início. A estratégia serviu também para evitar que as pessoas lembrassem de Neném Bragança pela única batalha que o papa-festivais perdeu.

Como dito anteriormente, a proximidade de Araújo com a música o levou a biografar a vida de Neném Bragança, em suas palavras: “Isso me deu a sensibilidade para entender o personagem, porque eu também passei por aquilo, de saber a dificuldade que é viver de música”. Seu jeito de narrar também foi influenciado por essas semelhanças entre biógrafo e biografado. “Fui escrevendo com mais naturalidade, com mais empatia. Colocando de uma forma que fosse fiel ao que ele estava sentindo, porque a gente viveu alguns perrengues parecidos”. Ao reconhecer os próprios sentimentos, o aluno escritor se aproximou de Neném Bragança: “Caramba! A gente viveu uma coisa parecida, com a diferença de que eu não tinha filho. E, aí, eu imagino: criar um filho tocando na noite? Complicado”.

Mesmo que nunca tenham se conhecido pessoalmente, durante a apuração das informações, Araújo pôde imaginar e entender os dilemas enfrentados por seu biografado tendo como ponto de referência a própria vida, o que resultou em uma biografia semelhante a quem Neném Bragança foi: simples, preocupada com o outro,

sem a intenção de ser perfeita, mas, ainda assim, uma obra de valor notável para a memória de Imperatriz.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia objetivou-se identificar, por meio da análise de conteúdo e entrevista em profundidade, as características jornalísticas presentes nos livros-reportagem entregues como trabalho de conclusão de curso por alunos de Jornalismo na UFMA, campus Imperatriz. Portanto, foram selecionados oito livros-reportagem entre o período de 2011 a 2021, e analisados com base em quatro elementos do jornalismo de fôlego, sendo apuração contextualizada, equilíbrio de fontes, recuperação de memória e humanização.

Diferente dos meus entrevistados, que já sabiam qual seria sua entrega final na graduação, escrever uma monografia não estava nos meus planos. Entretanto, o cenário pandêmico em 2020, que seria meu ano de formação, me conduziu a essa escolha que, preciso confessar, não me deixou muito feliz a princípio. Assim como os alunos escritores desta análise, eu desejava finalizar esta etapa fazendo algo grandioso, que brilhasse os olhos de quem lesse. E, frustrada pela mudança de planos, não conseguia ver isto em minha pesquisa... até começar, realmente, a fazê-la.

Após alguns meses lendo e fichando livros, pesquisando sobre o tema e entrevistando pessoas, percebi o quão importante era fazer uma leitura do que está sendo produzido dentro de casa, na UFMA. Reconheci nos livros estudados a aplicação prática de técnicas aprendidas durante a graduação, com fatos abordados com amplitude de ângulos, rigor jornalístico na apuração das informações, multiplicidade de fontes e, sobretudo, humanização. Todos esses fatores me fizeram entender que a produção de livros-reportagem no campus de Imperatriz é socialmente relevante, essencial para a preservação histórica da cidade e região e, por isso, deve-se incentivar os alunos a cada vez mais viverem essa experiência.

Obviamente, ao ouvir as percepções das pessoas entrevistadas sobre os bastidores e os desafios enfrentados nesta fase, compreendo que escrever um livro-reportagem não é uma tarefa simples. Ainda mais considerando que, para alguns, esta pode ser a primeira experiência jornalística fora do ambiente da sala de aula. Ser um aluno escritor exige dedicação, tempo, dinheiro, paciência, uma boa rede de contatos e apoio, orientação, organização, maturidade e paixão. Entretanto, como apontado por esses escritores, é um sacrifício cujo resultado vale cada preocupação e noite mal dormida.

A produção de um livro-reportagem confere algumas liberdades ao jornalista escritor, mas isto não significa uma preocupação menor com o caráter informativo ou a veracidade das informações. Naqueles produzidos no âmbito da universidade, o rigor parece ainda maior. São meses de apuração, entre vivências e visitas constantes ao lugar dos acontecimentos, horas de entrevistas para decupar e, além de tudo, uma pesquisa documental prejudicada, em sua maioria, pela escassez de registros históricos disponíveis. Mesmo com o prazo menor que o adequado, os alunos são autores de obras bem contextualizadas, com abordagens que vão desde um retrato mais descritivo até uma recuperação histórica e didática.

No que tange ao equilíbrio de fontes, este é definido pela abordagem escolhida. Há presença de fontes documentais e depoimentos de pessoas em todos os livros, entretanto, a cadência com que uma ou outra vão aparecer na narrativa vai depender do modo como o aluno escritor deseja contar a sua história. Dentre os livros analisados, o que apresenta uma abordagem mais equilibrada em relação ao uso de fontes é o título *Ondas da Memória: as histórias da primeira rádio de Imperatriz*. Nesta obra, a autora Brito (2011) conseguiu mesclar bem os relatos de seus personagens com os registros históricos que colheu.

Dentre as características mais presentes e marcantes dos livros-reportagem da UFMA está a recuperação de memória. Todos os livros, sem exceção, utilizaram esse recurso para exemplificar os desdobramentos e o impacto dos acontecimentos por meio das experiências de quem participou dos fatos. Com isso, momentos importantes para a construção e preservação da memória coletiva puderam ser registrados sob a ótica das lembranças individuais dos personagens. Inclusive, observar a reação dos entrevistados enquanto visitavam suas recordações contribuiu para que os alunos escritores pudessem colocar outra característica em prática, a humanização.

Olhar para o outro sem pré-julgamentos é o primeiro exercício, talvez o mais difícil, de um jornalismo humanizado. Humanizar está na escuta ativa, na atenção, no respeito, na paciência, na linguagem simples que alcança todas as classes. Mas, precisamos nos atentar ao risco de romantizar a humanização. Pois ela também é dar o direito da dúvida ao acusado, mesmo quando todas as provas atestam sua culpa. Ter estômago para conhecer realidades dolorosas e se deparar, em alguns casos, com a maldade e degradação do ser humano. Correr riscos, até de morte, para garantir que todos os ângulos relevantes foram vistos e as pessoas foram ouvidas.

Ser corajoso para sair do pedestal da imparcialidade e da verdade “absoluta” e aceitar que jornalistas são, assim como todos os outros, humanos e falhos.

Em uma época na qual a notícia atravessa o mundo em questão de segundos, que conteúdos falsos se espalham com rapidez, que cada vez mais vídeos de jornalistas sendo agredidos e ridicularizados ganham as mídias sociais, fazer jornalismo de fôlego é nadar contra a maré e não deveria ser um “privilégio” de poucos. E é aqui que destaco a principal contribuição dos livros-reportagem escritos por alunos de graduação da UFMA, campus Imperatriz. As obras que li são de profundo valor social, abordam realidades deixadas de lado pela mídia tradicional, permitem que pessoas sejam protagonistas de suas próprias histórias, desnudam preconceitos aceitos socialmente e lutam, por meio da palavra escrita, para que as glórias e a vida comum de uma cidade do interior do Maranhão não sejam esquecidas.

Recuperar o fôlego no jornalismo é não se permitir sucumbir a esses tempos sombrios, mas, aceitar a vulnerabilidade da nossa profissão. Não desistir de fazer um trabalho humanizado mesmo que seja uma notícia de quatro parágrafos sobre a inflação e reconhecer que fatos não são mais importantes que pessoas e suas lembranças. Para evitar o erro, preciso esclarecer, esse fazer jornalístico não se restringe a escrever textos mais alongados, está muito mais conectado à postura do profissional que ao tempo despendido na apuração de um tema. Portanto, espero que esta análise possa inspirar outros a se encontrarem nesse tipo de jornalismo sincero e por vezes brutal, que objetiva entregar a informação como ela deve ser: sobre pessoas, por meio de pessoas e para pessoas.

Após vivenciar Imperatriz por cinco anos, foi uma honra ter a oportunidade de finalizar esse ciclo aprofundando meus conhecimentos sobre a cidade pelo olhar dos meus colegas de faculdade e profissão. Impactada pelos livros que li, meu objetivo maior com esse trabalho acabou se delineando durante a sua realização: que os livros-reportagem escritos por alunos da UFMA de Imperatriz não fiquem só nas prateleiras da biblioteca da universidade, mas que alcancem mais pessoas e sejam valorizados como merecem. Desejo, ainda, que o jornalismo de fôlego não represente uma fuga por aqueles que não se veem no cotidiano das redações ou um sonho que não pode ser alcançado. Pelo contrário, que seja incentivado desde o primeiro dia da graduação como uma prática possível e necessária.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Gustavo. **Prata da Casa**: uma biografia de Neném Bragança. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Maranhão. Orientador: Alexandre Zarate Maciel.
- ARNT, H. **Jornalismo e ficção**: as narrativas do cotidiano. 2004, 9 f. Artigo. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 46-52, 2004. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/23157>> Acesso em: 19 de jun. 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BRITO, Nayane. **Ondas da Memória**: as histórias da primeira rádio de Imperatriz. 2011.
- CAPOTE, Truman. **A sangue frio**: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências. Companhia das Letras, 2003.
- CATALÃO Jr., Antônio Heriberto. **Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. Araraquara, 2010. 252 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103497>>. Acesso em: 08 de dez. 2020.
- COUTINHO, A. L. R.; DA FROTA ARAÚJO, L. P.; FERNANDES, K. B. O livro-reportagem como experimentação para percorrer a história do Passeio Público de Fortaleza. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 38, 2015, Rio de Janeiro. Anais do Intercom. Disponível em <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3559-1.pdf>> Acesso em: 24 de jun. 2021.
- CUNHA, Kalyne. Livro-reportagem: "Palco Iluminado: histórias do teatro em Imperatriz". 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Maranhão. Orientador: Alexandre Zarate Maciel.
- DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2005.
- DIAS, Marlon S. M. Narrar uma tragédia do presente: transgressões ao regime das práticas em Todo dia a mesma noite, de Daniela Arbex. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 42, p. 136-149, 2019. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1982-25532019339928>> Acesso em: 20 de jul. 2021.

FARIAS, Beatriz. Marcas do Tempo: quem vive na Vila João XXIII?. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Maranhão. Orientador: Alexandre Zarate Maciel.

GUZZO, M., TEIXEIRA, N. C. R. B. Livro Reportagem: A fuga do superficial como categoria do Jornalismo Literário. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 9. 2008. **Anais do Intercom**. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0142-1.pdf>> Acesso em: 24 de jun. 2021.

IJUIM, Jorge K. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **BOOC**, Florianópolis, 2014. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ijuim-jorge-2014-humanizacao-desumanizacao-jornalismo.pdf>>. Acesso em 27 de out. 2020.

IJUIM, Jorge K. Por que humanizar o jornalismo (?). **Revista Verso e Reverso**, Florianópolis, v.31, n. 78, p. 235-243, 2017. Disponível em <<http://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/ver.2017.31.78.07/6252>> Acesso em: 27 de out. 2020.

JORGE, T. M.; BORGES, R. P. Dilema e experimentação em João do Rio: contribuições ao jornalismo e à literatura. **Revista Contracampo**. Rio de Janeiro, v. 1, n.18, p. 181-202, 2008. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17469/11105>> Acesso em: 19 de jun. 2022.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo. 4. Ed. São Paulo: Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo. Memória do Futuro: Jornalismo literário avançado no século XXI. **Revista Inovcom**. São Paulo, v. 5, n. 2, 2013. Disponível em <<https://www.portalintercom.org.br/publicacoes/revista-inovcom/revista-inovcom-apresentacao>> Acesso em: 14 de jun. 2021.

LIMA, R. G., ALMEIDA, V. P., GUERRA, M. O. O New Journalism e sua estrutura: Discussões acerca de parâmetros de análise do Novo Jornalismo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo. **Anais do Intercom**. Disponível em <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3078-1.pdf>>. Acesso em: 24 de jun. 2021.

MACIEL, Alexandre Zarate. Páginas de outrora: traços da história do livro-reportagem no Brasil. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 19, 2017, Fortaleza. **Anais do Intercom**. Disponível em <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1634-1.pdf>>. Acesso em: 19 de jun. 2022.

MACIEL, Alexandre Zarate. **Narradores do contemporâneo: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil**. Recife, 2018. 310 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29836>>. Acesso em: 19 de jun. 2022.

MAROCCO, Beatriz. Os “livros de repórter”, o “comentário” e as práticas jornalísticas. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 22, 2009, Curitiba. **Anais do Intercom**. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2764-1.pdf>> Acesso em: 09 de nov. 2021.

MAROCCO, Beatriz. Os “livros de repórteres”, o “comentário” e as práticas jornalísticas. **Revista Contracampo**. Rio de Janeiro, n. 22, p. 116-129, 2011. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17213>> Acesso em: 09 de nov. 2021.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. Jornalismo e compromisso social: a arte do diálogo e das vozes plurais em Cremilda Medina. **Revista Latino-americana de Jornalismo**. João Pessoa, ano 4, v. 4, n. 2, p. 193-205, 2017. Disponível em <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/download/40090/20128>>. Acesso em: 27 de out.2020.

NEGRAMARO, Mario. Livro-reportagem: "A resistência do Império imaginário- História da Festa do Divino Espírito Santos em Alcântara (MA)". 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Maranhão. Orientador: Alexandre Zarate Maciel.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29. 2006. **Anais do Intercom**. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0717-1.pdf>> Acesso em: 24 de jun. 2021.

PEREIRA, Andreza Silva. **JORNALISMO LITERÁRIO: POÉTICA E RUPTURA COM O JORNALISMO TRADICIONAL**. Cuiabá, 2017. 97 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Disponível em: <[https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2011/1/DISS\\_2017\\_Andreza%20Silva%20Pereira.pdf](https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2011/1/DISS_2017_Andreza%20Silva%20Pereira.pdf)> Acesso em: 20 de jul. 2021.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Revista Contracampo**. Rio de Janeiro, n. 17, p. 43-58, 2011. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17213>> Acesso em: 20 de jul. 2021.

RITTER, Eduardo. New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e literatura. **Revista Rizoma**. Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 56, 2013, p. 56-70, 2013. Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/3459>> Acesso em: 06 de nov. 2021.

ROCHA, P. M., XAVIER, C. O livro-reportagem e suas especificidades. **Revista Rumores**. Ponta Grossa, v. 7, n. 14, 2013. Disponível em

<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434/72014> Acesso em: 20 de jul. 2021.

SCHNEIDER, Sabrina. **A ficcionalização do real no livro-reportagem Abusado: o dono do morro Dona Marta, de Caco Barcellos**. Porto Alegre, 2007. 104 f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4235/1/000398241-Texto%2BCompleto-0.pdf>> Acesso em: 20 de jul. 2021.

SILVA, João Marcos. **À Sombra da Gameleira**. São Paulo: sn, 2021.

SOUSA, Maisa de Paula Oliveira. **Carpideiras: fé, mistério e devoção**. 2019.

SOUZA, T. E. S., PEIXINHO, K. S. M. A memória revisitada: o processo de escritura do livro-reportagem Pedras ao Infinito. In: Pensacom, 2014, São Paulo. **Academia edu**. Disponível em <<https://bit.ly/3OwfuZ2>> Acesso em: 20 de jul. 2021.

VIEIRA, L. A.; LEITE, M. E. A experiência da reportagem na revista Realidade. **Revista Anagrama**, v. 8, n. 2, p. 1-13, 2014. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/82359>> Acesso em: 19 de jun. 2022.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. **Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. São Paulo, 2006, 208 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo.

WALLYSON, André. Livro-reportagem "O que é que o Mercadinho tem?". 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Maranhão. Orientador: Alexandre Zarate Maciel.